

Realidades.

*"Não ser ninguém a não ser você mesmo, num mundo que faz todo o possível, noite e dia, para transformá-lo em outra pessoa, significa travar a batalha mais dura que um ser humano pode enfrentar; e jamais parar de lutar."*

*(E.E. Cummings)*

## Capítulo I – Via Dutra.

Os longos cabelos loiros de Carol esvoaçavam ao vento, à medida que o carro avançava pela estrada, era como a longa cauda reluzente de um enorme corcel branco trotando em liberdade pelos campos selvagens; a brisa fresca batia-lhe à face trazendo-lhe à mente uma gostosa sensação de liberdade. Seu carro, um velho ford escort azul escuro, adaptado para ser um conversível de capota escura - então recolhida, viajava em alta velocidade pela via Dutra, uma auto-estrada de fluxo rápido, que ligava os estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Era uma bela tarde de sol - estava para iniciar o fim de semana de Carol Suiter, numa tórrida praia qualquer do Rio de Janeiro. Pelo retrovisor do carro a moça lançava, com seus grandes olhos verdes, que mais pareciam duas turmalinas, um olhar furtivo para a estrada que ficava para trás: nenhum carro a sua retaguarda, estrada livre em ambos os sentidos; com os dedos úmidos, molhados na ponta da língua, deu uma pequena ajeitada nas sobrancelhas, e mais uma pincelada nos lábios, com seu batom transparente, completaram aquele pequeno ritual feminino em frente ao espelho retrovisor do escort.

Em alta velocidade pela estrada, apenas se podia notar as grandes placas verdes de sinalização a sua frente:

**“RESENDE - 10 km >>> pegue a estrada da direita”**

**“DEVAGAR: EXERCITO BRASILEIRO ”** - e em letras menores: **“Campo de provas de armas experimentais”**.

Carol diminuiu um pouco a velocidade mantendo, porém, a mesma via da auto-estrada. Com seus pensamentos a lhe embalar a imaginação ela repassa em sua mente as frases da última conversa que tivera com um amigo – que idéia maluca aquela de misturar dois mundos completamente antagônicos da ficção científica em uma única História! Então,

entre esses momentos de devaneios, em um instante em que ela retorna a vista para estrada, sente uma forte dor no peito e tem a nítida sensação que alguma arma de fogo lhe foi disparada contra. Rapidamente Carol vai perdendo o controle de seu escort na medida em que lhe invade uma enorme sensação de peso à altura de seu coração. Numa tentativa extremamente perigosa, Carol tenta assumir o controle do carro, mas não tem força suficiente para segurar o volante e percebe então que uma larga e intensa luz verde, proveniente de um dos lados da auto-estrada, está lhe cruzando o corpo. Carol entra em pânico; não sabe o que fazer. Começa a sentir-se pesada, e uma forte dor começa a se alastrar por seu corpo. Carol consegue finalmente parar o carro no acostamento e começa a entrar em pânico ao olhar para seu corpo e perceber que ele está desaparecendo antes seus olhos.

- Meu Deus, o que está acontecendo comigo? O que é isso? Que luz foi esta? – diz Carol, aos prantos.

Seu corpo começa subitamente a ficar leve e se tornar invisível aos seus próprios olhos. Ela não acredita no que está vendo, não sabe o que está acontecendo. Em poucos instantes resta apenas um carro Ford escort azul escuro, abandonado completamente vazio ao largo da auto-estrada, nas imediações das instalações do exército.

## Capítulo II – A Grande Nuvem.

- Sr. O'Brain, o que está havendo? por que a sonda ainda não foi tele-transportada para o angar 1 da Enterprise? – perguntou enfaticamente o Cap Jean Luck Picard, ao mesmo tempo em que levantava-se da poltrona de sua ponte de comando. O capitão afastou-se então da cadeira e passou a observar mais atentamente o telão a sua frente, ainda impressionado com a quantidade enorme de uma massa de cronotrons – partícula altamente instável e associada a eventos temporais, que se formava a bombordo da nave. A sonda enviada para aquela região era um meio seguro e eficiente de obter informações a respeito daquele fenômeno.

Como num gesto mecânico, o Capitão Picard ajeitou seu uniforme puxando elegantemente sua túnica para baixo, pois muito tempo na poltrona, constantemente a desalinhava no seu uniforme.

- E então, chefe? e a minha sonda?

- Capitão, acho melhor o senhor dar um pulinho aqui na sala de transporte – disse o chefe O'Brien, - temos um grave problema.

- Número Um, assuma a ponte! Vou para a sala de transporte ver do que se trata, - disse o Capitão Picard para o Comandante Riker, e ainda concluiu: - E o senhor, Sr. Data, verifique o que houve com a sonda, por que ela não retornou, e quais dados conseguiu captar a nossa telemetria.

- Sim, Senhor! responderam ambos os oficiais da ponte de comando.

Picard, então, dirigiu-se para a porta de saída da ponte de comando, acompanhado da conselheira da nave, Diana Troy, uma betazoide com forte poderes telepáticos. A porta abriu-se automaticamente a sua passagem e ambos entraram:

- Computador, deck 4, sala de transporte, - informou o capitão para o computador de bordo, no turbo-elevador, que imediatamente fechou a porta e os levou para o deck 4, daquela imensa nave, glasse Galaxy, a Enterprise.

Na ponte de comando, o Sr Data - um andróide de feições humanas e com credenciais de comando, tenta decifrar os poucos dados obtidos da telemetria enviados pela sonda:

- Cte Riker, os dados até agora analisados sugerem que a nuvem está crescendo em um ritmo acelerado. Seu interior é composto de partículas de táquions de alta densidade e ainda podemos concluir que a nuvem possui dois vórtices de densidades diferentes compostos de partículas de cronotrons. Ainda não sabemos como essa nuvem surgiu e nem os efeitos que ela terá sobre a Enterprise.

- Muito bem, Sr. Data – disse o Cte Riker, - mantenha a Enterprise a uma distância segura e estacionaria acompanhando o período de rotação da nuvem e vamos tentar trazer aquela sonda de volta.

- Riker para engenharia: La Forge, como está a situação do raio trator?

- Comandante, - respondeu o engenheiro La Forge, após alguns instantes, - está completamente operacional, comandante.

- Fique a postos, La Forge, talvez precisemos de uma forcinha do raio para trazer aquela sonda de volta.

- Sim, senhor, respondeu o engenheiro.

Enquanto isso, na sala de transporte...

- Chefe, o que está acontecendo com o raio de contenção do transporte? “isto” não parece ser a sonda, - disse o Capitão Picard para o Chefe O’Brien.

- Não, senhor, não é a sonda definitivamente. Tentamos travar o raio nas coordenadas da sonda, mas dentro daquela nuvem as coordenadas estavam erráticas. O raio se fixou em um extremo, que parecia ser um vórtex menor dentro do sistema. E o que trouxemos está aprisionado dentro do banco de contenção de matéria do teletransporte.

- O que o senhor que dizer com isso, Sr. O’Brien? – interpelou o Cte Picard.

- Senhor, o analisador quântico do teletransporte não consegue identificar o padrão molecular e estrutural do que está no armazenador do banco de dados.

- Sim, Chefe, mas parece que o que está aprisionado é uma forma de vida, um humanóide. Aliás, parece uma mulher, pelos longos cabelos loiros. Por que o transporte não consegue completar o ciclo?

- Capitão: embora se assemelhe muito a uma mulher, o banco de dados do transporte não identifica os traços genéticos como sendo de uma humanóide.
- O reforço do sinal pode ajudar a fixar o padrão.
- Já fiz isso, capitão e a única coisa que obtive foi uma melhor definição da massa, mas tenho uma teoria, que pode dar certo, se o senhor me permitir.
- Estou ouvindo, chefe.
- Tudo indica uma forma de vida humanóide, que não possui referência em nossa base de dados, posso pedir que a doutora Crusher, da sala da enfermaria, transmita um padrão genético real de nossa base bio-médica da nave. Carrego o transporte com esse padrão e então tento dar energia à forma física que está se formando.
- Você acha que funcionará, chefe?
- Não tenho certeza, capitão, mas se não tentarmos algo, logo a massa vai perder a estrutura e vamos perder o que quer que esteja na câmera.
  
- Então, chefe, contate a enfermaria e comece os preparativos imediatamente.
- Sim, .... UOEEE, UOEEE, UOEEE...



Mal o Cap Picard deu a ordem ao chefe O'Brien para iniciar o procedimento do teletransporte, passam a ouvir todos, pelo sistema de som da nave, um ruído estridente e muito alto indicativo de **ALERTA VERMELHO**; imediatamente o capitão deixa a sala de teletransporte e dirige-se para sua ponte de comando, alguns decks acima, na Enterprise. No corredor, ele aciona com a mão seu inter-comunicador pessoal na lapela de sua jaqueta:

- Comandante Riker: o que está havendo?
- Senhor, uma esfera “Borg” acaba de aparecer vinda de dentro da nuvem de cronotrons.
- Comandante, mantenha equipes táticas de prontidão, escudos ao máximo e certifique-se que as armas estão em potência máxima. Estou a caminho!
- Sim, senhor.

O comandante Riker, tal como deve ser um primeiro-oficial em comando bem experimentado, já tinha levantado os escudos defletores da nave em cem por cento de potência, bem como já havia comandado ao senhor Worf que travasse os torpedos fotônicos em sua máxima potência apontados para a ameaça externa que hora se apresentava. Worf era um guerreiro nato, típico da raça Klingon e estava sempre preparado para uma batalha gloriosa e sabia que qualquer embate com os Borgs não seria fácil, por isso precisaria da máxima habilidade em manipular os torpedos fotônicos classe Mark 7, que era a última palavra da Frota Estelar em termos de armas de destruição para curta e média distâncias espaciais. Um só disparo desta arma de anti-matéria, direcionado para um ponto tático vulnerável em uma nave estelar, poderia despedaçá-la em milhões de fragmentos a virarem poeira estelar, mas que contra uma esfera ou um cubo Borg, mal “arranharia seu casco”. Por isso o comandante Riker levantou também os escudos da nave, que a protegeriam com relativa vantagem tática, pois seu campo magnético impedia que grandes quantidades de matéria ou energia atravessassem o casco da nave.

Todos os oficiais presentes na ponte de comando ficaram impressionados com a enorme nave, que inesperadamente tinha surgido momentos antes vinda de dentro da nuvem. A nave era tão grande que poderia ser comparada a uma pequena lua, muito escura e maciça.

O Comandante Data, oficial de ciências, e um dos responsáveis na ponte pela navegação da nave, junto ao alferes Crusher, filho da médica da nave, alertou para sua emergência, em um dos pólos de concentração de partículas de cronotrons, assim que ela se materializou da nuvem.

A porta da ponte se abre e surge então o Capitão Picard, vindo da sala de transporte.

- Informe, Comandante, disse o capitão.

Então, numa atitude muito austera e eficiente, o Cte Riker colocou Picard a par da situação na ponte:

- Senhor: um dos pólos da nuvem de táquions apresentou um súbito aumento de partículas de cronotrons criando um vórtice gigantesco do qual emergiu essa nave.
- Senhor... - interrompeu o cte Data -, os sensores não conseguem identificar nenhum sinal de vida no interior da esfera.

O comandante Data, consultando seus bancos de memória internos, acrescentou:

- Embora os Borgs sejam constituídos de matéria orgânica e inorgânica em suas partes cibernéticas, eles possuem um sistema de comunicação dentro da coletividade, que permite que os possamos rastrear e identificar a origem. Suas partes orgânicas também deveriam ser detectadas por nossos instrumentos.

A nave emergida da nuvem, a estibordo da Enterprise, estava aparentemente imóvel e, acompanhada de duas outras naves bem menores, que emergiram juntas, apresentavam um enorme perigo para toda a Enterprise, aliás, para toda a raça humana.

Os Borgs representavam uma força destruidora vindo do outro extremo da galáxia, o quadrante delta. Sua forma de organização é bem atípica: existe uma única mente que é coletiva e que também é representada pela figura de uma rainha. Seus indivíduos são constituídos de raças assimiladas pela galáxia às quais são unidas componentes cibernéticos, dos quais os mais visíveis são um dos olhos, braços e pernas mecânicos, e microscopicamente, as “nanosondas”, que são componentes nanoscópicos presentes nas células e sangue, responsáveis pela regeneração de todos os tecidos dos indivíduos da coletividade ou que são assimilados pela coletividade. Sua comunicação é coletiva e o que um indivíduo pensa é compartilhado entre todo o grupo. Sua única finalidade na galáxia é explorar novas civilizações e assimilá-las a sua, a fim de que cada vez fiquem mais aprimorados.

- Senhor Worf, disse o Cte Picard, - quais as leituras vindas da nave?

- Capitão, a assinatura de energia, não corresponde a nenhum dos padrões da frota estelar, nem tão pouco as naves conhecidas, e não consigo identificá-la como sendo uma nave Borg, também.

O comandante Picard, mas próximo do comandante Riker, lhe fala:

- Comandante, tudo isso me parece muito estranho: esta nuvem de partículas surgida do nada, cronotrons e táquions juntos, nunca vi nada igual, estas naves surgidas sem identificação, e também a forma de vida que o chefe O'Brien está tentando tirar do transporte.

- Capitão, a única coisa em comum a tudo isso é nossa presença nas proximidades desta nuvem.

- Sim, concordo Will, mas não podemos sair enquanto não soubermos o que está acontecendo.

- Data, alguma informação da sonda? – pergunta o comandante Riker.

- Não, senhor, nada na telemetria ainda.

De repente, Diana Troy, a conselheira da nave, pressente uma forte sensação vinda daquela esfera; é uma sensação negativa muito intensa, uma espécie de força, que ela, com seus poderes sensitivos e telepáticos, recebe em sua mente como um grande abalo e que a faz ficar tonta por um breve momento. Os oficiais da ponte imediatamente procuram reconfortá-la e indagar sobre o que houve.

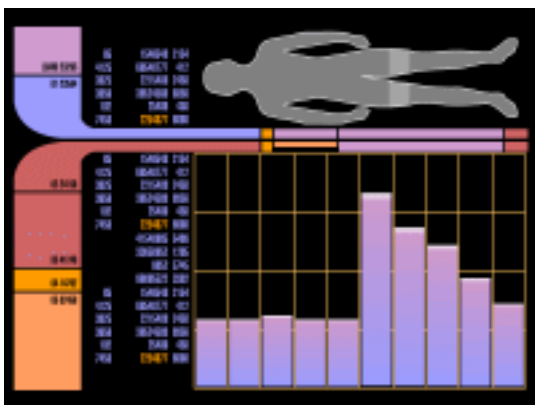
- Conselheira... você está bem? O que aconteceu? - pergunta o Capitão Picard.
- Não sei explicar ao certo, Capitão, responde a conselheira, mas eu sugiro ao senhor muita cautela e uma distância prudente desta esfera, há uma coisa muito ruim em seu interior. Eu sinto uma energia muito forte sendo emanada ali de dentro.

O capitão então ordena:

- Computador, acionar alerta amarelo. Wil, vamos nos afastar um pouco desta nuvem até descobrirmos o que está acontecendo.
- Sim, senhor, Capitão, disse o Comandante Wil Riker, e ordenou ao seu navegador:
- Senhor Data, tire-nos desta posição e leve-nos 20 graus a bombordo, assuma um órbita mais distante, fora do raio de ação gravitacional deste sistema. Vamos estudar isso mais de longe.
- Sim, senhor, Comandante, executando agora.

### Capítulo III – A Bela Adormecida.

- Doutora, estou pronto para receber os dados aqui no transporte, disse o chefe O'Brain.
- Um momento, chefe, disse a doutora Beverly Crusher, estou selecionando uma amostra apropriada do nosso banco de dados.



Em frente ao painel, a Dra Crusher tentava fazer uma compilação adequada ao perfil genético para uma suposta mulher, adulta, humanóide.

- Pronto chefe, estou enviando os dados para o banco de referência do transporte.
- Poxa, doutora, bem a tempo, pois o armazenador de padrão já estava começando a deteriorar o sinal, disse o chefe.
- Chefe, estou enviando dois assistentes para que traga a forma de vida para a enfermaria, preciso fazer um exame acurado.
- Sim, senhora, doutora.

Na sala do teletransporte, onde o chefe trabalhava, acabavam de chegar os dois assistentes. O chefe começou então o procedimento de composição do banco de dados recebido da enfermaria com o sinal de vida retido no acumulador do banco de contenção do transporte.

- ... mais um minuto, mais um minuto, dizia o chefe. - Agora, ... introduzindo a nova seqüência genética, ... estabilizando o feixe de contenção com a energia do transporte. Pronto! - disse finalmente o chefe - vamos completar o ciclo do transporte!

À medida que o chefe O'Brain ia completando o ciclo, uma figura humanóide ia se materializando na base do transporte, indo aos poucos tomando forma, aliás, tomando a forma de uma moça muito bonita, cabelos compridos, loiros, pele alva. Assim que o transporte se completou finalmente o corpo da moça se tornou real no transporte, e tão real que os dois assistentes ficaram boquiabertos com a exuberante beleza da moça que acabava de se materializar a sua frente. Então, em poucos segundos, muito atônita e com o olhar fixo nas pessoas daquela sala, a moça, num subido desmaio, cai ao chão. Os dois auxiliares imediatamente a carregam em uma maca para a enfermaria.

- Dra. Cruscher para Capitão Picard! - disse a doutora, acionando o computador de voz da enfermaria.

- Prossiga, doutora, respondeu o Capitão.

- Acho que o senhor deveria vir imediatamente à enfermaria.

- A caminho, doutora. Comandante Riker, assumo a ponte.

- Pois não, Capitão.

A mulher recuperada pelo chefe O'Brien no transporte repousava agora na maca da enfermaria. Estava usando uma roupa estranha, com estampas e símbolos desconhecidos. Mas estava bem.

- Capitão..., prosseguiu a doutora Cruscher, - essa mulher está bem. Fiz exames completos e não mostra qualquer alteração física conhecida. Seu padrão genético indica ser humana, mas simplesmente seu seqüenciamento genético está de forma invertida. Talvez por isso o transporte não pôde ser completado com sucesso.

- Pode acordá-la, doutora?

- Sim, Capitão.

A doutora Cruscher, então, administra uma substância via hypospray no pescoço da moça. Em poucos instantes ela começa a recobrar a consciência.

- Onde estou? - pergunta a moça.

- Eu sou o Capitão Jean Luck Picard, e você está a bordo da Enterprise, uma nave da Federação. Quem é você?

- Não! Isto não pode ser possível, isto não é verdade! Estou sonhando! Não é? Vocês não podem ser reais! Vocês são uma fantasia, estou enlouquecendo!



- Acalme-se, moça, ninguém vai lhe fazer mal aqui, você está em uma enfermaria, como se chama?

- Eu? ...sou Carol... Carol Suiter. Mas isso não é verdade, não é? Onde está meu carro? Quem são vocês? Onde estou realmente?

- Capitão, acho melhor o senhor deixá-la descansar um pouco e quando ela estiver bem, eu o aviso. - Certo, doutora, estarei na ponte então. Talvez ela possa nos esclarecer algo, quando estiver melhor.

O capitão Picard se retira então para a ponte de comando deixando a moça Carol aos cuidados da Dra Cruscher na enfermaria.

- Muito bem, Carol, vou lhe administrar um tranqüilizante e vamos tentar saber o que aconteceu com você.

Passados alguns minutos Carol já se sente mais calma e começa a contar para a Dra o que aconteceu com ela, sobre estar andando de carro, sentir algo no coração e depois acordar na enfermaria. Contou também sobre o que a tripulação representa para ela. Carol não entendia como um sonho podia tornar-se tão real assim? A tripulação de Jornada nas Estrelas, que é o seu mundo de fantasia, uma série de ficção científica que está presente na TV, nas revistas, nos filmes; como podia ela estar vivenciando tudo isso, de uma maneira tão real? Carol estava se sentindo perdida, pior...louca.

– Estaria eu enlouquecendo?, pensava ela.

A doutora então lhe pôs a par de como ela foi teletransportada para a nave, das nuvens de partículas fora da nave, das outras naves; e também mais alguns detalhes técnicos sobre a Enterprise. Carol já se sentia um pouco mais confiante, achando ainda estar vivenciando um sonho, e com medo de ter que acordar, pois passado o susto inicial, tudo agora era maravilhoso.

#### Capítulo IV – O Primeiro Contato.

- Ora, Doutora, vejo que nossa paciente já sente melhor – disse o Capitão Jean Luck Picard, dirigindo o olhar para a Dra Cruscher e para Carol, quando de sua entrada ponte de comando, assim que a porta do turbo-elevador se abriu.

- Desculpe-me, Capitão, mas após o que a Srta Carol me contou, achei melhor levá-la para conhecer um pouco a nave. Ela ainda está se recuperado.

O Capitão então se dirigiu para Carol e lhe falou:

- Seja bem-vinda a ponte da Enterprise, minha jovem! Aqueles são meus oficiais superiores e este, meu primeiro oficial – disse-lhe o capitão, apontando para o comandante Riker.

- Encantado, senhorita, disse o cte Riker.
- Muito prazer, comandante, sou Carol Suiter, respondeu a jovem.

Uma pequena troca de olhares, muito furtiva, surgiu então entre Carol e o Comandante Riker, este que não poderia deixar de notar na exuberante beleza de Carol.

- Fique a vontade com a moça, doutora, mas estamos um pouco ocupados agora aqui na ponte, assim que puder conversaremos melhor, se me derem licença... , - dizendo isto, o Capitão foi se afastando de costas lentamente para sua cadeira.

- Senhor Wolf... aproxime um pouco essas naves na tela, vamos dar uma olhada melhor nesta suposta ameaça, disse o capitão.

- Sim, senhor, respondeu o chefe da segurança. – Na tela, senhor.

Carol já estava saindo da ponte com a Dra Beverly Crusher, quando numa súbita olhada para a tela, teve um susto!

- Um momento, doutora, disse ela, eu acho que reconheço estas naves.
- O que? Assustou-se o capitão Picard.
- Sim, reconheço estas naves, Capitão Picard, e acho que o senhor não vai entender nada do que tenho para lhe contar.

#### Capítulo V – A Esfera da Morte.

O capitão Picard marcou então uma reunião com todos os oficiais superiores na sala de reuniões - uma dependência anexa à ponte, incluindo a senhorita Carol. Estavam todos reunidos à grande mesa oval, sentados, com Carol em uma extremidade, ao lado da Doutora Crusher e o Capitão de pé. Worlf, Data, La Forge e a conselheira Troy, sentados, ouviam atentamente a explicação de Carol e o que se seguia do Capitão Picard.

- Muito bem, Carol, deixe-me ver se compreendi bem o que você nos disse: Você, no seu mundo real, estava dirigindo uma espécie de veículo particular chamado “carro” quando percebeu um raio em sua direção, desmaiou e então apareceu na nossa enfermaria. Todos nós, segundo sua versão, somos parte de um mundo fictício, somos uma espécie de programa de entretenimento, não reais, interpretado por outros atores, tais como aqueles histórias de William Shakespeare, que nos chegam até os dias de hoje. E diz também, que o que vemos lá fora são naves que também fazem parte de sua ficção científica, como é que você chamou mesmo?... ou sim, “estrela da morte” e dois caças da aliança imperial, com um ser poderoso chamado Darth Vader, não é isso? Com poderemos telepáticos muito acentuados.

- Está correto, capitão. É isto mesmo, respondeu Carol, arregalando os olhos de admirada para todos a sua volta.

- Capitão – interrompeu a conselheira Troy, não pressinto qualquer coisa errada nesta moça, e ela tem a clara convicção de estar falando a verdade; aliás, o que senti a pouco, na ponte, foi exatamente o relatado por ela: essa forte malignidade vinda da esfera.

- Senhor Data, senhores, ... alguém tem alguma explicação plausível para o que acontece aqui? Perguntou o Capitão Picard para todos à mesa.

- Capitão, disse Data, não temos nada ainda que possa explicar o ocorrido, exceto que esses dois acontecimentos – a presença da Srta Carol e o surgimento destas naves – parecem ter surgidos da nuvem e, algum fenômeno, artificial ou natural, os trouxe até aqui, sendo ou não do nosso mundo.

- Capitão, disse o Worf, chefe da segurança, devemos levar em consideração o que a Srta Carol relatou, pois é o que mais faz sentido até agora.

- Muito bem, Carol, atualize o senhor Worf com tudo que você sabe a respeito destas naves e... parece que você já conhece nossa rotina, não é? Considere-se então como uma ajuda valiosa aqui na ponte.

Então, todos se retiram para a ponte e ainda contemplam, na tela projetada a sua frente – a proa da nave, acima dos consoles de comando, aquela esfera gigantesca e ameaçadora, com duas naves menores, como se flutuando ao seu lado.

Um silêncio aterrorizante invade a nave.

- Wil, leve a Srta Carol para comer alguma coisa no promenade, providencie para que ela fique a par de toda a rotina da nave, inclusive acomodações para o tempo que ela permanecer conosco, disse o capitão ao seu primeiro oficial.

- Sim, senhor, Capitão.

- Por aqui, por favor, Carol. Posso lhe chamar assim?

- Claro que pode, Comandante, obrigado.

Saíram os dois da ponte, o Cte William Riker e Carol, em direção ao promenade.

## Capítulo VI – Quebra da Rotina.

O Promenade era um discreto e amplo bar panorâmico, com vista para um dos lados da galáxia, com uma visão riquíssima de algumas das estrelas mais brilhantes daquele setor. A tripulação ali se reunia para lazer, conversar, beber em sua hora de folga ou algum encontro qualquer. A anfitriã do bar era uma mulher chamada Gayna, que causou um enorme espanto em Carol – como uma mulher da vida real, que incorpora uma personagem, que agora é real novamente: Woppy Golberg... ah... Carol, estava numa euforia descomunal, e o Comandante Riker a olhava fascinado, percebendo esse encanto em sua expressão.

Gayna fala então para Carol.

- Olá, tudo bem com você? , falando numa voz tranqüila e com o olhar fixo em Carol, seu olhar parece um tanto eufórico, e... admirado. Está tudo bem com você?

- Olá, meu nome é Carol, mas não me pergunte como, mas eu já sei tudo sobre você.

- Já estive também em muitos lugares, Carol – disse-lhe Gayna -, minhas vidas foram muito interessantes, então talvez você saiba disso, ... ah...posso lhe oferecer algo para beber?

- Sim, Gayna: um suco de laranja, apenas.

- Interessa muito, Carol, que tipo de experiência você possa estar vivendo hoje, pois essas experiências não irão se repetir nunca mais, pois elas são única, mas elas vão se acumulando, como uma bagagem cultural, e isso sim é que importa, pois tudo isso é cumulativo e quando você tiver uma grande decisão a tomar – essa bagagem toda é que fará a diferença!

- É verdade, Gayna, esqueci que você tem uma sabedoria do tamanho do universo.

- Que nada, Carol, apenas um pouco dessa bagagem cultural, acumulada.

- Gayna, se me der licença - interrompeu o comandante Riker - vou continuar mostrando a nave para a Carol e depois deixá-la descansar um pouco.

- Foi um prazer conhecê-la, Carol.

- Eu é que fiquei encantada, Gayna. Até logo, então.

O comandante Riker, então, leva Carol para conhecer mais alguns setores da nave: o teletransporte, - “o berço de Carol”, brinca ele -, a engenharia, o holodeck, e contou algumas histórias interessantes, tais como aquela do Doutor Muriel, que saiu do holodeck para a vida real, e depois retornou ao espaço com sua amada, achando que estava num mundo real, situação muito parecida com a que Carol estava vivenciando atualmente. E cada sorriso do comandante extraia um brilho diferente no olhar de Carol. A moça sempre foi fascinada pelo personagem do Jonnatan Frakes, um gentleman, mas um paquerador também. Por fim, exaustos, o comandante a deixa em frente a porta dos aposentos recém-designados para a Carol.

- Bem, Carol, espero que tenha gostado do nosso passeio. Foi um grande prazer para mim conhecer pessoa tão maravilhosa, espero que tenha apreciado.

- Sim, comandante, apreciei muito, entre um pouquinho, vou lhe oferecer uma bebida, para fecharmos o passeio então.

O comandante Riker olhou então para os lados, encarou-a fixamente nos olhos, e com aquele sorrisinho matreiro no olhar, perguntou-lhe:

- Tem certeza que você não vai se arrepender disso mais tarde?

- Tenho sim, Wil, pode entrar.

O navegador-chefe, e também primeiro oficial, estava imóvel, atônito, numa atitude hipnótica, com olhar fixo para o rosto Dele; sua face estava aterrorizada, podia-se perceber isso claramente, pois um fio de suor escorria em sua testa, à medida que respondia o que lhe era perguntado, como se tivesse prestando contas a um deus, um deus maligno e poderoso.

- Não, senhor, não podemos explicar ainda o que aconteceu. Estamos trabalhando nisso e até agora nada, senhor.

Aquela figura à frente do navegador era tão sinistra quanto poderosa. Com um único olhar fulminante em seu oponente, poderia matá-lo. E passivamente, ele olhava para o seu navegador-chefe, nos olhos, aproximando-se mais ainda do seu pálido e suado rosto. O navegador, cheio de medo na expressão, podia perceber a respiração mecânica, ofegante, ...ruidosa, ... sinistra, ... por de trás daquela enorme máscara preta. Num súbito, o homem gigante dá as costas para o navegador, esbofeteando-o com sua enorme capa preta em seu giro, e então de frente a uma enorme janela de vidro, que mais parece uma grande escotilha de submarino, e que de onde se pode contemplar ao fundo o espaço profundo, ele fica fitando aquela nave estranha aos seus olhos.

- Coronel Golimar, - chamou então pelo seu oficial mestre em comando.

- Sim, senhor?.

- Em sua opinião, o que acha que houve? falou Darth Vader, com sua voz sempre baixa, grossa e vibrante.

- Senhor, ao que tudo indica, as experiências que estamos fazendo nesta esfera, com o nosso “raio da morte” parece ter nos transportado para um lugar desconhecido. Já se passaram 24h e até agora não descobrimos onde estamos e nem tão pouco quem são as pessoas na nave que nos acompanha, temos apenas uma designação exterior sua: USS-Enterprise NCC-1701D

- Coronel Golimar – interrompe bruscamente o oficial tático – estamos interceptando uma sonda emergindo da nuvem criada pela nossa experiência e ela parece estar sendo puxada para a nave que está a nossa frente.

- Muito bem, Coronel Golimar, já estava na hora de acontecer algo, disse então Darth Vader.

## Capítulo VIII – A Sonda.

- Muito bem, senhor Worf, já estava na hora de recuperarmos nossa sonda. Mantenha firme o raio trator e traga-a até nossa área de carga um – disse o capitão Picard, na ponte de controle.

- Comandante Data, alguma coisa nas comunicações?
- Não senhor, Capitão. Todos os contatos foram tentados e todos os canais estão abertos em todas as frequências de saudação, simplesmente eles parecem não entenderem nossos códigos, ou não querem nos responder.
- Obrigado, senhor Data, continue tentando.

Mas do outro lado da sala, o senhor Worf está com problemas para resgatar a sonda.

- Capitão!
- Sim, senhor Worf?
- O raio trator está fixo na sonda, funcionando perfeitamente, mas não consigo trazê-la a bordo.
- O que está havendo?
- A sonda parece influenciada por uma força vinda daquela esfera.
- Picard para Engenharia: Senhor La Forge?
- Sim, Capitão?
- Precisamos mais potência em nosso raio trator.
- Já estão no máximo, Capitão. Vou tentar reverter o raio trator, e com a folga conseguida, devo obter uma folga extra que poderá aumentar nossa força para 120 por cento.
- Execute, então, senhor La Forge.

Em alguns minutos uma tensão muito grande tomou conta da ponte. A conselheira Troy avisou ao Capitão que a força que estava tracionando a sonda não era mecânica, como a proporcionada pela Enterprise, mas era uma espécie de força mental orientada da esfera, e que ela pressentia novamente uma enorme malignidade. Carol é chamada à ponte para ajudar. O senhor Worf aplica toda a potência no raio trator, mas a sonda parece não responder, pior, a sonda está se dirigindo para o interior da esfera.

Então, o alerta vermelho é acionado automaticamente no interior da ponte, espalhando seu barulho ensurdecido pelo resto da nave. De súbito, uma descarga de torpedos atinge a nacele de estibordo da Enterprise.

- Senhor Worf, escudos ao máximo, disparar fasers ao meu sinal, tente acertar os centros de comando, se é que aquela coisa tem isso.
- Sim, senhor!
- Fogo! – ordena então o Capitão.

Logo após acionado os escudos, os torpedos oriundos da esfera são ricochetados para o espaço e outros explodem sem danos aparentes na nave. Mas a nacele de estibordo teve algumas avarias.

Na esfera, Darth Vader fica impressionado com aqueles escudos da Enterprise e ordena ao seu oficial que suspenda fogo. Ele está intrigado: que nave poderosa poderia ser

aquela, que não é reconhecida nem como do Império, nem como dos Rebeldes, e que tecnologia era aquele de escudos, e que outras mais ainda poderiam surgir?

O capitão Picard e o comandante Riker seguem então para a enfermaria onde a doutora Cruscher está aplicando algum tratamento em Carol, que teve leves concussões com os ataques da nave inimiga.

- Como ela está, doutora? – pergunta o comandante Riker.

- Ela vai ficar bem, Wil. Nem chegou a ser uma concussão, apenas uma leve escoriação, que o meu tricorder médico deve resolver em poucos segundos.

Carol Suiter olhava para todos muito estranhamente. Estava com uma expressão de medo em seu olhar. Já se passara algum tempo e ela ainda não tinha “acordado”. Tudo aquilo estava sendo tão real para ela. Que loucura! ... e se nada mais voltasse a ser o que era? seus amigos na FFESP, seu trabalho, o orkut, MSN, sua vida de volta...

Estavam todos reunidos em torno da maca de Carol – a doutora, Cte Riker, Cap Picard e a conselheira Troy quando, de repente, em uma poltrona vazia da sala, materializa-se uma pessoa: “Q”

## Capítulo IX – “Q”

O conceito de Deus é um tema muito particular, tanto para um indivíduo como para uma sociedade inteira e mais, muda com o passar do tempo, tanto que o que era considerado religião em algumas dezenas de centenas de anos atrás, hoje pode-se considerar como mitologia em algumas culturas, inclusive na Terra. Mas de qualquer forma, o termo que mais se aproxima do que um Q representa estaria mais perto desta analogia - um deus.

“Q” são seres eternos, que vivem numa espécie de “nada” chamado “Continuum” e que podem fazer simplesmente tudo que quiserem. Vez por outra um ou outro Q escapa do continuum e vem se divertir um pouco com a tripulação da Enterprise, como já o fizeram tantas outras vezes, surgindo simplesmente do nada, causando problemas de natureza gravíssima para a tripulação e depois retornam para o seu continuum, como se nada tivesse ocorrido.

Ali estava aquela figura caricaturizada; aparentemente um homem normal, de uns quarenta e poucos anos, branco, cabelos castanhos lisos, olhos escuros, usando elegantemente um uniforme da Frota Estelar, lábios vermelho-escuros e brilhosos, e seu “eterno” ar debochado estampado no rosto.

- E então, Picard? sentiu saudades minhas nesses últimos frios, longos e monótonos meses? – perguntou Q abraçado à cintura de Picard, logo após ter sumido instantaneamente da poltrona onde estava.

Picard, então respondeu a ele:

- Q, vejo que você continua se intrometendo nos assuntos que não lhe dizem respeito!
- É... Jean Luck, e você continua o mesmo arrogante engomadinho de sempre.
- Posso saber o que você está fazendo aqui – Perguntou o capitão olhando fixamente para Q, ante a cara de espantados que todos aparentavam na enfermaria.
- Ora Picard, que deselegante de sua parte, está fazendo uma reunião de família, com velhos conhecidos da galáxia e nem me convidou...?
- Por acaso, Q, você teria algo a ver com os episódios que estávamos enfrentando aqui?
- perguntou-lhe então o comandante Riker.
- Ora, vejam só quem está preocupado com a situação? Você não me parecia tão preocupado ontem à noite, nem essa mocinha aqui deitada, qual seu nome mesmo, Wil? Carolina? Kátia? ... ah, sim, Carol. Vocês pareciam estar... como dizer? qual mesmo a palavra?... ocupados! ... ah, acho que esta mesmo se “encaixa”.
- Meu Caro Capitão: - disse por fim Q – parece que nessa roda de amigos está faltando mais um, não é?

Como num passe de mágica, Q estala os dedos e instantaneamente o grupo todo some da enfermaria e ressurgem na ponte de comando dentro da esfera da morte - a nave que espreita sorratamente a Enterprise. Na ponte, todos se espantam com uma figura imponente, de aspecto aterrorizante, toda de preto, com uma máscara e com uma longa capa: Darth Vader.

## Capítulo X – Reunião I.

Enquanto isso, na ponte da Enterprise, Worf é informado pelo alferes Cruscher que cinco tripulantes da Enterprise acabam de deixar a nave, todos da enfermaria, inclusive o comandante Data.

- Alferes, consegue localizá-los? - pergunta Worf, com aquele olhar sempre ameaçador.
- Nossos sensores indicam que eles estão dentro da nave alienígena, mas não usaram o teletransporte, senhor.
- Worf para a sala de transporte: Chefe O'Brain?
- Sim... Senhor Worf?
- Você consegue fixar o sinal de transporte de nossos tripulantes, que estão na esfera alienígena? Não, Senhor. Vou precisar de uma ajuda da engenharia para penetrar aquele casco.
- Comandante La Forge, pode ajudar o chefe?
- Estou a caminho, Worf.

Essa é uma daquelas raras situações onde o senhor Worf assume interinamente as funções da ponte de comando, embora o comandante La Forge, lhe seja mais graduado.



Na ponte de comando da “esfera da morte” a situação é tensa. A tensão é premente nos olhares dos tripulantes da Enterprise acompanhando a figura sinistra de Darth Vader. A conselheira Troy começa a suar frio, sentindo um enorme medo. Ela percebe a terrível malignidade vindo de Darth Vader. Carol está com os olhos vidrados em Q desde que o viu na Enterprise, parece a fixação de um súdito a um deus. Data estuda meticulosamente aquela nave, aparentemente tão estranhas e fora dos registros de seus bancos de memória, ou mesmo dos registros da própria Frota. Darth Vader percebe uma força mental muito diferente vindo da conselheira Troy, talvez por ser ela da raça Betazóide, uma civilização, cujo planeta, aliado da Federação Unida dos Planetas, possui forte poderes telepáticos. Na verdade, Darth Vader está sondando o grupo todo com seus poderes telepáticos e já começa a surgir um fio de sangue escorrendo pelo ouvido de Diana Troy.

- Pare com isso, Darth Vader! – ordena Q para o sinistro homem, que imediatamente é rechaçado contra a parede, com uma força descomunal e invisível vindo das mãos de Q. Vader sente na própria pele o poder que ele próprio possui.

Alguma coisa me diz, Q, que você está prestes a nos envolver em mais um de seus joguinhos insanos, estou correto? – diz o capitão para Q.

- Brillhante como sempre, meu bom capitão! Disse Q, com seu ar debochado e muito sorridente.

Então Q se postou no centro do grupo que por hora estava ali reunido e começou sua explanação:

- Sabe, Capitão, por várias vezes já nos encontramos e travamos grandes disputas filosóficas, não é mesmo? Lembra aquela vez em que nos encontramos em um tribunal para julgar os crimes que sua dita “humanidade” havia cometido? Ou então da vez em que lhe apresentei aos Borgs, seu maior desafio?... grande ocasiões, não?

- Com sua amiga, a capitã Janeway, já vivenciei grandes realizações também, como aquela onde um ente querido meu queria se suicidar – o tolo do meu irmão, ou o filho que tive, ou a guerra no continuum, mas deixemos ela no quadrante Delta por enquanto, o caso dela logo se resolve. Vocês, humanos, propiciaram grandes experiências, e eu, muito benevolente que sou, como você bem sabe Jean Luck, gostaria de retribuir um pouco desta felicidade.

- Veja bem, continuou Q a falar.

- Nossa amiga Carol, por exemplo – e olhando-a fixamente nos olhos, Q lhe pergunta:

- Melhorzinha, Carol? Não tenho um hypospray, mas meu transporte faz milagres, além de transportar, ele te cura. Você estava naquele seu “carro” velho, um meio primitivo de transporte, indagando-se sobre a natureza da vida, da sua “suposta ficção científica”, do seus vários mundos dentro de sua cabecinha..., não é isto? E eis você aqui, seus mundos estão aqui, não era isso que você queria? Uma luta entre o bem e o mal?

- Sim, respondeu ela, - mas isso para mim não deveria ser real.

- E o que é real para você, Carol? Sua fantasia não é tão intensa, que às vezes lhe escapa do controle?

- Outro exemplo aqui presente, com sua forte presença masculina perturbadora da força do universo, nosso Darth Vader. Brincando de Deus, de aniquilar mundos, querendo construir seu mundinho, com suas tropas imperiais, dizimando outros que se atrevessem a enfrentá-lo e ainda por cima, usando a força do universo, ou seja, minha força, meu continuum! ..Óh...isso é aterrorizante, Darth Vader! ... até mesmo para mim, um simples Q.

Darth Vader olhava para Q, entendendo que aquele era um momento para escutar e não um momento de ação, inclusive porque ele não tinha ainda noção de onde estava e de como voltar para o seu universo.

- E você Picard? Sempre gostando de se intrometer em tudo, com sua filosofia barata, de querer organizar o universo em torno de “sua federação” achando que é o dono da razão. Por quantas vezes você já não preferiu abrir mão desta “razão”, mas esse uniforme lhe foi muito pesado? Vou lhe dar mais uma oportunidade de fazer isso agora, indo contra seu maior medo.

## Capítulo XI – Escapada.

- Pronto Comandante Worf – disse o chefe O’Brain - eu e o comandante La Forge conseguimos fixar o padrão da Srta Carol dentro da esfera da morte, e mais alguns segundos, conseguiremos fixar o restante do grupo.

- Trave na srta Carol e a transfira imediatamente, então chefe.

- Sim senhor, comandante.

De repente, na esfera da morte, um raio verde se confunde com corpo da srta Carol e aos poucos ela começa a se desmaterializar em frente a todos. Carol é teletransportada para Enterprise. Q perde momentaneamente sua atenção e Darth Vader imediatamente saca uma arma - o sabre de luz.

*“O sabre de luz é uma arma muito versátil e poderosa, e usada por cavaleiros Jedis. Consiste basicamente de uma empunhadura com controles de acionamento. Ativada, ele projeta a sua frente, pela distância equivalente a uma espada samurai de luta, um estreito feixe de LASER. Assemelha-se em muito a uma espada de esgrima, mas que é capaz de cortar substâncias muito duras, com apenas um lance do Kata. É muito mais do que uma arma de destruição: é uma arma para ser usada com o espírito de um guerreiro Jedi”*

Com vários lances de seu sabre de luz, Darth Vader investe intempestivamente contra o Capitão Picard, percebendo ser ele um elemento vulnerável. Data, então, percebendo esta investida, joga-se à frente de seu capitão saindo em sua defesa. O raio de luz da espada é tão intenso que instantaneamente corta o braço mecânico de Data, deixando-o atônico e desmantelado do corpo.

Então, um feixe de transporte, tal qual o que levou Carol, resplandece no corpo de todos os tripulantes da Enterprise e todos começam a desaparecer frente a Darth Vader.

- Que comece o jogo, diz então Q – e desaparece instantaneamente.

## Capítulo XII – O Braço de Data.

- Fique quieto, Data, como posso lhe colocar o braço de novo se você não ficar imóvel – dizia La Forge, para o comandante Data, na engenharia da nave.

À medida que ia reparando o braço mecânico de Data, George, como gostava de lhe chamar, e Data iam conversando – além de bons oficiais, eram ótimos amigos.

- Poxa Data, ainda bem que aquela arma é muito precisa, ela fez um corte quase que cirúrgico no seu braço e os estragos não foram tão grandes. Deixe-me apenas ligar estes circuitos neurais às estruturas biomecânicas e seu braço estará novinho em folha.

- Pronto, Data. Está feito, disse o engenheiro, fechando o último compartimento cibernético que expunha os circuitos eletrônicos de Data – que tal testarmos agora com um bom aperto de mão?

- E assim o fazendo, Data agradeceu:

- Obrigado, George. Vamos descobrir mais sobre esta arma com a senhorita Carol.

## Capítulo XIII – Segredos.

Pela janela da sua ponte de comando, na esfera da morte, Darth Vader contempla passivamente a Enterprise. Ambas as naves flutuam no espaço a poucas dezenas de metros uma da outra, e com a ameaçadora imagem de uma imensa nuvem de partículas a sua retaguarda, como se fosse uma nebulosa gigante, vermelha. Seus engenheiros, trabalham arduamente numa tentativa de explicar o que está havendo para que possam retornar para seu *status quo* anterior.

- Darth Vader, meu paciente amigo... – falou Q ao seu ouvido, numa súbita aparição ao seu lado - Temos que conversar!

A conselheira Diana Troy descansava em seus aposentos. Estava em sua ampla cama de lençóis de cetim vermelho escuro; uma meia-luz invadia seu quarto elegantemente, jorrando seus fochos furtivamente pelas paredes, em direção ao teto. Uma música suave, em um estilo semelhante a um *blue* antigo, tomava conta do ambiente. Era sua hora de

folga na ponte e ela estava relaxando. De repente, uma forte sensação lhe invade os pensamentos, ela sente então a presença de Darth Vader em sua mente. Vader não está no seu quarto, mas ela começa a escutar sua voz dentro de sua cabeça: é uma voz grossa, ruidosa, que lhe causa um arrepio e um medo muito intenso, que não consegue evitar, e este medo lhe invade o corpo todo. Darth Vader, de alguma maneira, sabe que ela é sensível a esta estranha força. Então o homem negro lhe fala:

- Conselheira, escute com atenção o que vou lhe falar.

Diana Troy escutava com atenção o que o ser sinistro lhe falava. Escutando aquela voz em sua mente, a conselheira começava aos poucos a se inquietar, suas mãos começam a ficar geladas e sua voz não consegue sair pela garganta. Sente um aperto se agigantando e lhe sufocando o peito, e uma onda de calor começa a lhe subir pelas pernas. Sua angústia fica tão intensa, que ela já está pronta a desmaiar, quando um grito sufocado lhe sai da garganta: NÃÃÃO!

Ela desmaia, finalmente.

#### Capítulo XIV – Reunião II.

- Olá Diana, você está melhor? – perguntou o comandante Riker.

- Sim, Wil, estou. Beverly me administrou um tranqüilizante, mas foi horrível aquela experiência, aquele homem terrível, era como se ele estivesse me invadindo sem minha permissão.

Estavam todos reunidos novamente, face aos últimos acontecimentos: capitão Picard, comandante Riker, sr. Wolf, comandante La Forge, tenente-comandante Data, a conselheira Troy e Carol. Estavam na sala de reuniões da ponte de comando da Enterprise.

- Bem conselheira... – começou então o Capitão a falar – quer dizer que o nosso amigo sinistro ficou impressionado com o “nosso” comandante Data?

- Sim, capitão. Ele não entendia como a tecnologia estava tão avançada a ponto de criar um ser artificial tão perfeito, e falou algo também sobre equipar sua frota imperial com seres deste tipo.

- Sim, mas daí, a lutar com o Data, numa espécie de duelo?

- Senhor... –continuou Worf a falar – não sabemos nada sobre sua tecnologia, nem onde se daria esta luta, acho isso muito arriscado!

Então interrompeu o engenheiro La Forge:

- Capitão, Data e eu estivemos conversando com a srta Carol a respeito desta tecnologia que nossos sensores não identificam.

- Prossiga, senhor La Forge – disse o capitão.

- Essa “Esfera da Morte” possui um ponto fraco, que para nossos sensores não será muito difícil de rastrear. A sonda que já recuperamos conseguiu captar uma série de mecanismos na parte exterior desta esfera, mecanismos estes ligados a armas e a propulsão. Acho que em breve teremos informações mais detalhadas sobre ela.

- Ótimo, senhor La Forge, continue trabalhando nisto e me mantenha informado. E sobre aquele tal de “sabre de laser”?

Interveio então o comandante Riker.

- Bem, capitão. Não parece nada de mais, apenas um feixe de energia muito intenso, que pode arrancar fora alguns braços, não é senhor Data?

Data olhou para o cte Riker com um sorriso amarelo, meio enigmático, sem entender muito a piada.

- Capitão – continuou a conselheira Troy – tudo que precisamos é treinar bem o comandante Data a usar essa tal arma, pois parece que Darth Vader quer testar as habilidades de Data.

Carol então falou:

- Capitão, se o senhor quiser, posso ser-lhe útil com informações sobre esta arma - o sabre de luz, e sobre o modo de luta do Darth Vader.

- Muito bem, Carol – falou o capitão – ajude o comandante La Forge a construir uma arma deste tipo e instrua, no que puder, o comandante Data, para o grande evento.

- Sim, senhor, disse prontamente Carol, como se já fizesse parte da tripulação.

Então, todos saíram da sala, indo atrás o tenente-comandante Data, o sr Worf e o comandante Riker, que não perdeu a oportunidade de lançar uma gracinha para o senhor Worf:

- Ora, senhor Worf, vamos ver como anda a sua postura de balé para ensinar o Data, nas artes mortais da esgrima?!

Dizendo isso com um leve sorriso irônico no rosto, acrescentou:

- Espero todos dentro de uma hora no holodeck para nossa primeira aula, inclusive a senhorita, Carol. Não falem!

## Capítulo XV – Aula de Esgrima.

O capitão Picard retorna então para a sua ponte de comando e começa a trabalhar com La Forge, este, na engenharia, em uma forma de neutralizar a força destrutiva da esfera da morte. Através da sonda recuperada e com informações de Carol, La Forge pode fazer um melhor mapeamento daquela nave e de suas armas e, junto ao alferes Crusher,

que é um profundo conhecedor de física de partículas, já estudaram também um meio de trabalhar aquela nuvem de partículas, sinistramente flutuando do lado de fora da Enterprise.

À frente da porta do holodeck estão presentes para o treinamento: comandante Data, senhor Worf, conselheira Diana Troy, Srta Carol e comandante Riker, todos envolvidos no treinamento do comandante Data, para sua grande luta de armas - o sabre de luz - com Darth Vader. Com a mão nos controles da porta de entrada do Holodeck, o comandante Data então fala para a interface computadorizada:

- Computador, iniciar programa de holodeck: **sabre de luz**.
- Programa iniciado, entre quando pronto – respondeu o computador, abrindo a porta do holodeck lateralmente.

Todos entraram.

O holodeck era um espaço reservado dentro da Enterprise com controles e projetores holográficos cuja finalidade era criar em seu interior uma realidade virtual, simulando para isso um ambiente artificial, que poderia incluir o mar, o espaço, algum equipamento técnico e pessoas, que poderiam todos se inter-relacionar numa maneira quase perfeita com a tripulação da nave, segundo uma programação previamente desenvolvida, tais como os holomances. O ambiente criado era tão perfeito, que uma pessoa ali dentro poderia até mesmo sentir as diversas sensações mecânicas que nosso corpo está sujeito, tais como a degustação de alimentos, mas, naturalmente, excetuando a morte do corpo, devido à salva-guardas especiais relativas à segurança pessoal dos participante do programa. Sua finalidade maior era o treinamento e a recreação dos tripulantes da nave, que viajam por longos períodos pelo espaço.

Ao entrarem no holodeck, o programa já estava parcialmente carregado: algumas cadeiras, um pequeno tatame estendido no chão e, sobre uma bancada, os dois sabres de luz para o treinamento. Carol tinha fornecido suficientes informações sobre a composição da arma, sua empunhadura, o que era na verdade aquela luz, ou seja, uma espada de energia com poder para cortar objetos tal qual uma espada.

Worf, em seus vários anos de experiência como oficial de segurança da Enterprise já havia realizado várias vezes algum tipo de treinamento no holodeck, sozinho ou com sua equipe, e portanto, era um perito em diversos tipos de armas e diversas técnicas de combate. De certa forma, o sabre até que lhe trazia a mente uma pequena noção do que ele chama de bat`leth (1), uma arma branca, usado por guerreiros Klingons em combates. Worf não teria muita dificuldade no treinamento, pois seria como se fosse uma aula de esgrima.

Começaram então os treinamentos.

Inicialmente o treino de Data começou Worf, que procurou lhe passar o máximo possível de experiência de combate. Ora, Data era um andróide e como tal, não se

cansava, além do qual, era detentor de uma força mecânica descomunal, além de possuir em seus bancos de memórias, todas as técnicas possíveis de combate.

Por quase duas horas o comandante Data treinou exaustivamente, ora com o senhor Worf, ora com o comandante Riker. A Srta Carol, sem ser nenhuma especialista em artes marciais, procurava orientar Data sobre a maneira como Darth Vader poderia se portar na batalha, ou seja, seu estilo, velocidade, táticas e qualquer coisa mais que pudesse se lembrar sobre Darth Vader.

No treino com o comandante Riker, em um pequeno deslize seu no uso do seu sabre, ele perde levemente o equilíbrio, sem entretanto cair ao chão. Percebendo isto, Carol e Diana trocam um pequeno sussurro ao pé do ouvido e então, na intenção de ajudar, Diana grita num tom levemente irônico ao comandante Riker:

- Wil, não esqueça: concentre-se! ... e, use a FORÇA!

As duas trocam então alguns sorrisos cúmplices. E todos riram então da situação, exceto, claro, o senhor Worf, e o comandante Data, que apresentam sem seu rosto uma expressão de quem não entendeu a piada. O comandante Riker, então, dá por encerrado o treinamento e todos se despendem já saindo do holodeck. O último a sair foi o comandante Data, que se dirige ao console da porta e diz:

- Computador, encerrar programa. A sala do holodeck volta a ficar vazia e escura e a porta se fecha, com o comandante já no corredor do lado de fora. Ele se retira.

## Capítulo XVI – A Chegada de Vader.

- Senhor Data, informe! determinou o capitão Picard, na ponte de comando da Enterprise, dirigindo o olhar para o seu oficial de segurança.

- Senhor, uma nave pequena se aproxima da nossa posição, sendo escoltada, aparentemente, por uma segunda nave. Ambas se dirigem para nosso hangar de atracação.

- Bem... falou o capitão, - já não era sem tempo, eles realmente são pontuais.

Comandante Data: sinalize para as naves a entrada do hangar. Número Um, a ponte é sua; senhor Worf, comandante Data, acompanhem-me para receber nossos visitantes no hangar.

- Sim, senhor – responderam ambos os oficiais.

Todos se retiraram então da ponte de comando ficando apenas o comandante Will Riker – primeiro oficial do capitão Picard, agora no controle da ponte, junto com alguns outros oficiais, responsáveis pelo controle da nave, e o alferes Crusher – segundo navegador e auxiliar do comandante Data. O capitão Picard, Worf e Data, seguiram para o hangar de atracação.

O hangar de atracação era o local específico da nave para receber pequenas naves em seu interior ou então, grandes naves através de um anel de atracação externo à carcaça da Enterprise, com uma passagem segura para os passageiros de ambas as embarcações. Não era um local muito grande, mas comportava uma pequena nave de até uns 15 tripulantes e possuía em suas paredes laterais algumas prateleiras e lugares específicos destinados a guardar material em trânsito pela nave. O ambiente era seguramente selado contra o vácuo do espaço e tinha um painel de controle acionado manualmente por dentro - para controlar a atmosfera em seu interior, a gravidade artificial e os sistemas de segurança para a abertura e atracação de naves -, claro que todos esses controles também eram operados automaticamente ou através de outros setores da nave.

O grupo de três pessoas já estava a espera de Darth Vader e então conversavam:

- Worf, como está a segurança da nave?
- Senhor, respondeu Worf, temos guardas armados, orientados e espalhados por todos os corredores que levam até o holodeck. Pelas informações da Srta Carol, apenas Darth Vader representa perigo, então, como o senhor orientou, apenas ele e mais dois guardas seus estão autorizados a vir a bordo.
- Certo, senhor Worf.
- Comandante Riker -, falou o capitão Picard, acionando o inter-comunicador pessoal na lapela de sua jaqueta.
- Prossiga, capitão – respondeu seu primeiro oficial, da ponte de comando.
- Certifique-se que apenas um desses caças entre no hangar, permanecendo o segundo atracado no anel externo da nave. Prepare também a nave para qualquer emergência no período em que Darth Vader estiver embarcado.
- Sim, senhor, responder Riker.
- Picard para chefe O'Brien – continuou o capitão no seu inter-comunicador.
- Sim, capitão – respondeu o chefe.
- Mantenha o transporte travado o tempo todo em nossos visitantes e monitore a Srta Carol.
- Pode deixar, Capitão, farei isso imediatamente – respondeu o chefe O'Brien.

Não demorou muito e o comandante Riker avisou o capitão Picard pelo inter-comunicador que a nave de Darth Vader já estava atracando. A imensa porta externa do hangar então se abriu lateralmente deixando a imensidão de estrelas surgirem a vista do hangar. Simultaneamente à abertura do hangar, formou-se um campo de força selando a abertura produzida: a tecnologia do século XXIV produziu essa maravilhosa engenhoca onde um campo de força pode isolar duas atmosferas completamente diferentes, mas permitindo que a material e a energia transpassem entre elas linearmente, sem causar danos ou modificações em suas estruturas materiais, sendo envoltos também num campo intermediário. Dessa maneira, com a porta aberta e o campo ativo, a nave conduzindo Darth Vader adentrou a nave transpassando a barreira e pousando suavemente no centro do hangar.



O caça imperial possuía a forma de avião de caça do século XX destinado a duas pessoas e com formas pontiagudas, indicando carregamento de armas de disparo de matéria, não de energia, como os atuais torpedos fotônicos. Desceu então um dos guardas que vinha atrás no caça e postou-se à dianteira da nave, como se *avaliando o terreno*, para então, logo a seguir, descer Darth Vader.

O capitão Picard, então, tomou a dianteira para cumprimentá-lo, sem entanto estender-lhe a mão.

- Darth Vader – falou Picard – Seja bem vindo a Enterprise, vou conduzi-lo ao nosso holodeck, que será o lugar onde terá lugar o nosso... campeonato, ou seja lá como o senhor deseja chamar esse nosso pequeno embate. Não entendo muito o propósito de tudo isso, mas concordei com tal situação, pois assim, Q garantiu-me que minha nave e tripulação não estariam em risco, bem como essa experiência seria necessária para entender o que está acontecendo e como cada um de nós retornaria para casa.

D. Vader ouvia o que o capitão falava sem proferir uma só palavra. Estavam todos num semi-círculo, perto da nave recém-chegada. Vader se concentrou intrigantemente em Worf, talvez por que ambos tivessem uma certa semelhança física. Worf, desconcertado mostrava sua irritação numa expressão facial nada amigável. Vader então olhou um por um demoradamente e finalmente falou para Picard:

- Podemos prosseguir, Capitão.

O capitão fez então um gesto para que Darth Vader o acompanhasse pela saída do hangar e todos então se retiram, mas com uma troca de olhares bem enigmática entre Dart Vader e Data.

Pelos corredores da Enterprise, o capitão Picard ia acompanhando Vader, este, um pouco a frente, com seu guarda ao lado e o capitão Picard, mais atrás, à direita, com Data e Worf, em sua retaguarda, um de cada lado do corredor. Todos se dirigiam para o Holodeck, onde aconteceria um luta programada entre o comandante Data e Darth Vader, usando os sabres de laser, uma espada usada por cavaleiros Jedi, conforme já orientados pela Srta Carol. À medida que seguiam pelos corredores, em passadas não tão rápidas, mas firmes e seguras, Vader ia observando os guardas, intercalados a intervalos fixos em ambos os lados dos corredores – seu guarda olhava apenas para frente, como que num gesto solene de acompanhante, mas afiado até os dentes de armas. Darth Vader encarava os guardas, olhando fixamente dentro de seus olhos tentando vasculhar seus pensamentos e, à medida que cruzava cada um deles, Worf e Data, logo atrás, percebiam uma expressão de medo em suas fisionomias e um filete de suor escorrendo em seus rostos, dentro de seus olhares fixos em Vader. Era uma cena um tanto sinistra, mais parecendo um cortejo fúnebre.

Em poucos instantes chegam à entrada da sala do Holodeck. O capitão Picard, então, coloca-se à frente de todos, ao alcance do painel de controle da porta e fala, acionando assim, o controle de voz do painel:

- Computador, acionar programa “Arena”, autorização “picard alfa Romeo”.
- Programa carregado, entre quando pronto – respondeu uma voz feminina, proveniente do painel de controle.

O capitão Picard fez então um gesto com as mãos para que Darth Vader assumisse a dianteira e entrasse na sala. Ao sinal, entrou então Darth Vader, ficando seu guarda do lado de fora, depois Picard, Worf e Data. Darth Vader, com um olhar aparentemente neutro, olhou sistematicamente todo o ambiente, não notando nada de mais; era uma sala não muito grande, com as paredes escuras e estampada com uma espécie de quadriculado holográfico; a sua frente havia um ring, ou arena, daquelas usadas por jogos de lutas de algum século passado, cercada por cordas, onde provavelmente ocorreria a luta entre ele e o comandante Data. Ao lado da arena havia algumas cadeiras para convidados, uma mesa com uma espécie de painel de pontuação; nada mais.

- Capitão Picard, estou pronto, podemos começar assim que o desejar – falou Darth Vader, olhando fixamente para o comandante Data. Com um aceno de cabeça de consentimento, Picard estimula Data a entrar na Arena, que o faz com a maior naturalidade possível cabível a um andróide. Picard então explica as regras para ambos os lutadores:

- Senhor Dart Varder, senhor Data, acho que ambos já conhecem as regras da esgrima, então, vamos procurar segui-las o máximo possível. O duelo será composto de 15 “rounds” seguido e três pausas; não haverá golpes mortais, nem abaixo da cintura nem acima da cabeça; o computador de bordo fará as contagens de pontos e eu apenas darei a sequência nas pausas, início e final da luta. Espero que o senhor mantenha sua palavra Darth Vader, pois o objetivo aqui é apenas conhecer as habilidades mútuas de cada competidor; após a luta, seguiremos para meu gabinete para elaborarmos uma estratégia conjunta para voltarmos todos à nossa normalidade. Podemos começar então.

Picard afasta-se da arena e os dois lutadores se aproximam no ring.

- Computador, - fala em bom tom o comandante Data , acionando a interface de voz do computador do Holodeck – crie uma espada Jedi, conforme especificações prévias de código “Data, 01 Jedi”.
- elemento holográfico criado, responde o computador.

Imediatamente uma empunhadura de espada laser Jedi é materializada nas mãos do comandante Data. O comandante então observa atentamente a espada em sua mão aos olhos impressionados de Darth Vader. Este, então, com os olhos fixos em Data, saca, de um dos enormes bolsos laterais de sua sinistra capa preta, uma empunhura semelhante a do comandante Data, porém um pouco maior, preta e com encaixes moldados para seus dedos. Com a mesma mão direita, ainda sem tirar os olhos do comandante, Darth Vader aciona um botão lateral da empunhadura e imediatamente um feixe de luz, de aproximadamente um metro e meio é projetado à frente da empunhadura, assumindo assim a forma de uma espada de luz. O feixe tem uma forma cilíndrica em sua espessura e possui ainda uma cor branco-azulada; ao ser movimentada delicadamente no ar pelas

mãos de Darth Vader, o feixe de luz emite o som semelhante a um zumbido grave e contínuo.

Os dois lutadores assumem então uma postura, tais quais dois lutadores de esgrimas no início do combate.

## Capítulo XVII – O Combate.

- Nana, nina, não....tse, tse, tse,.... Jean Luck... o que é isso? Um momento tão importante como este, na história de sua civilização, e você nem convida os amigos? Cadê sua famosa hospitalidade terráquea? – diz “Q” após materializar-se em frente a todos.

Darth Vader não se impressionou tanto desta vez, pois tinha sido por intermédio de Q que está luta iria se realizar e com cujo final, estaria garantida sua volta para casa, conforme Q havia lhe prometido.

- Sempre um dedo seu, por de trás disso tudo, não é, Q? O que você deseja? - disse Picard.

- Ora, Capitão, um momento tão solene como este não pode se realizar numa simples sala, não é?

Imediatamente todo o cenário do holodeck sumiu, a “magia” de “Q” os levou para um lugar já visitando antes pelo Capitão Picard: estavam todos de frente para um tribunal de inquisição da idade média da Terra, Q estava sentado à frente de todos, tal como um rei, a seu lado estava o Capitão Picard; Data e Darth Vader estavam em um ringue de lutas, Worf no outro lado, como se fizessem parte da platéia, e havia ainda uma enorme multidão - o povo, que aplaudia a Q, por qualquer besteirinha que ele mal começasse a falar, e que vaiava qualquer outro que falasse.

- Lembra desta cena, Picard –disse Q – já passamos por aqui, e você se saiu muito bem, mas era um julgamento. Agora não, agora é uma “disputa”. Picard assentiu brevemente com cabeça e ainda falou:

- Não entendo aonde isto tudo vai levar você, Q, mas espero que você não coloque em risco a vida de minha tripulação com seus joguinhos.

Q então falou: - acho que está faltando alguém muito importante aqui, não está?

A um breve estalo dos dedos de Q, a jovem Carol se materializa em seu lado, em um traje de rainha.

- Agora, sim, estou bem acompanhado - disse Q, para o capitão, sob o olhar amedrontado de Carol a fitar-lhe o rosto.

O capitão então falou:

- Você bem que poderia tê-la tirado desta situação, ela não tem nada a ver com isso, Q. Q então olha sério nos olhos de Carol e lhe sussurra baixinho ao ouvido, em um leve tom irônico:

- Será que você não teria nada mesmo a ver com isso, senhorita? Por acaso você está lembrada de uma conversinha com um suposto colega seu, lá do seu mundinho, sobre aquelas baboseiras de ficção, ou daquilo que você chama de FFESP, ou sobre gostar de assistir uma grande luta entre Star Wars e Star Trek, conforme vocês lá os intitulam?

Carol instantaneamente arregalou os olhos e então começou a entender melhor as coisas: ela, com sua vontade compulsiva e sua obsessão por ficção científica, acabou causando todos estes eventos, de uma forma tão inusitada e que ela nunca poderia esperar na vida. Então, lentamente, começa a florir em sua memória, pequenos flashes de seu passado – começa a lembrar lentamente da sua infância, dos livros de ficção que gostava muito de ler antes de dormir; depois, ainda adolescente, do seu envolvimento com esse mundo de fantasias; seu grupo de amigos – sua memória puxava por esses pequenos *flashes* de uma forma muito vaga; enquanto isso, naquela arena improvisada, Darth Vader travava uma grande disputa com Data, sob o olhar divertido de Q e, ao seu lado, como se numa tribuna de honra, o Capitão Jean Luck Picard e a Srta Carol, também acompanhavam a luta com um olhar muito apreensivo.

## Capítulo XVIII – Surreal.

Data usava toda sua habilidade, e com cálculos rigorosamente calculados dentro de seu cérebro positrônico, tentava atingir Darth Vader com seu sabre de luz. Não era fácil, pois Vader manjava habilmente e com astúcia sua arma, a mesma de Data. Mesmo com os cálculos precisos de Data para atingir Vader, esse ainda conseguia se esquivar a tempo, como que se adivinhasse as táticas de seu oponente; seria esse aquele “dom especial” que a Srta Carol havia lhe explicado, sobre controlar a tal da “força”? E mais alguns minutos se passavam em um embate que se tornava cada vez mais vigoroso e, violento.

Vader, em um momento de descuido de Data - com aquela voz sinistra, grave e com sua respiração ofegante dentro da negra máscara que envolvia seu rosto -, chegou a lhe lançar alguma gracinha:

- Ora, comandante Data, acho que o senhor “perdeu” um pouco de sua habilidade nesse braço: até parece que lhe “falta” algo – fazendo uma clara referência ao episódio anterior sobre tê-lo cortado para fora do corpo!

Q, que acompanhava a luta com um ar um pouco enfadonho, estala seus dedos e num piscar de olhos, encontram-se todos, agora, na amurada de um navio, balançando suas velas sob as águas de um imenso oceano. Picard, com um estranho chapéu de Capitão do

Mar, olha para Carol, agora vestindo uma imensa saia rendada, e ambos contemplam então a expressão divertida de Q, que se encontra agora com um tapa-olho, uma perna-de-pau, e um gancho substituindo uma das mãos.

- Ora Picard, isso não está mais interessante agora? Isso não lhe recorda os primórdios da aventura pelo desbravamento ao desconhecido? Reconhece aquela bandeira, Picard?

- Sim, Q, é uma bandeira de uma embarcação inglesa chamada Enterprise, acho que foi até o primeiro destes barcos com esse nome; era uma embarcação francesa que foi capturada em 1705. Aprendemos isso na Academia da Frota Estelar. Pelo visto, você está se tornando um grande historiador da humanidade.

- Seu senso de humor me diverte, Picard.

Com o olhar um pouco atônico, Vader e Data continuam seu duelo, pois somente Q definiria seu final, como já estava determinado antes mesmo de começar. O barco não era muito grande – 110 pés de comprimento, mas com um peso de 320 toneladas –, mas suficiente para balançar muito sobre as ondas do mar. Os adversários lutavam entre as amuradas, seguravam-se nas cordas, iam de popa à proa, sob o comando e olhar atônico do capitão daquela embarcação: W. Davenport.

Com mais um estalar de dedos de Q, estavam agora todos flutuando no espaço infinito, com apenas as estrelas ao fundo. Uma imensidão escura de estrelas como rastro e todos, usando trajes especiais para o espaço, exceto Q. O capitão Picard não se sentiu muito confortável dentro destes trajes, mas Carol, esta, estava completamente perdida. Não tinha nada sob seus pés e parecia estar caindo quando olhava para baixo, e ao mesmo se olhasse para cima, parecia estar flutuando. Que experiência extraordinária pensava ela e, olhava para o Capitão com olhar de desespero.

Enquanto Vader e Data, já se acostumando ao jogo de Q da troca de ambientes, lutavam com suas espadas, os sabres de luz, Carol e o capitão Picard experimentavam algumas ilusões psicodélicas: ambos viam sob a escuridão das constelações, como se numa imensa tela negra de cinema, todos os fatos relevantes de sua vida passarem sob seus olhos atônitos: infância, adolescência, amores, guerras, mortes, tristezas, alegrias. Estavam todos tão angustiados nos trajes e tão angustiados com suas lembranças! Q

- Humanos...! – disse Q, sempre tão desconfortáveis! Nunca satisfeitos!

Carol, com a luta entre Darth Vader e Data a um lado, e com imagens de sua imaginação lhe passando sob a negritude do espaço, observa tudo muito espantada, sua vida em preto e branco, sua vida colorida, imagens de Guerra nas Estrelas, a Ficção de Jornada nas Estrelas em câmera lenta, tudo muito surreal, tudo diante de seus olhos. Carol viaja numa jornada ao impossível, acordada, sonhando, vivendo, flutuando: emocionada, chorando – é muita emoção de uma única vez.

- Picard - diz Q, então, virando o olhar para o lado -, você acha que não sei que seus homenzinhos estão tentando consertar tudo isso? Mas não vão conseguir! e sabe por que

Picard?

- Tenho a impressão que você vai me dizer, Q.
  - Simplesmente porque a tecnologia para unir mundos diferentes – real ou não, qualquer que seja o nome que vocês queiram dar – , ela não existe, e nem nunca irá existir!
  - Eu não entendi ainda, Q, qual a finalidade deste jogo fútil, que não leva a nada?
- Perguntou Picard, com um ar enigmático.
- Ora, Capitão...todos nós temos nossas fantasias, sonhos, desejos, menos você, é claro – falou Q, com tom irônico.
  - Você está dentro do desejo da Srta. Carol – continuou Q a falar -, e você está simplesmente tentando ajudá-la a separar o mundo real, da ficção, já que isso parece ser quase impossível para alguns humanos, haja vista. Espere um momento, meu Capitão, pois agora... o “gran finali” da nossa lutinha.

Com o despacho de um golpe certeiro, Data então corta o traje de Dart Vader, na altura do peito. Um jato fino, branco, sai rapidamente de dentro da roupa de dart Vader – é o oxigênio se perdendo no espaço e a respiração de Vader, já ruidosa, se tornando cada vez mais difícil.

Picard, vendo aquela situação completamente inexplicável, com todos os olhares perplexos, a agonia de Darth Vader e o olhar divertido e irracional de Q, só lhe ocorre uma única coisa a fazer.

- Computador: encerrar programa no holodeck! – ordena Picard, fitando Q nos olhos.

### Capítulo XIX – Alerta Vermelho.

Encerrado o programa de holodeck com a ordem súbita do Capitão Picard, todos os presentes reaparecem na sala escura e quadriculada do holodeck. Mas não conseguem ficar de pé, pois a sala está sofrendo forte trepidação, sua iluminação já tênue sofrendo interferências diversas e o alerta vermelho soa por toda a nave.

Picard tenta segurar a senhorita Carol, Worf cai ao chão, todos são sacudidos e jogados para todos os lados. Q não está presente e Darth Vader tenta manter-se seguro por alguns instantes.

- Comandante Riker, o que está havendo, informe!- pergunta o Capitão Picard ao seu primeiro oficial na ponte, após acionar o interfone do painel, indo sob tropeços constantes em sua direção.
- Capitão, estamos no meio de uma batalha com a nave de Darth Vader. Eles dispararam várias cargas explosivas sobre nosso casco. Os escudos estão resistindo bem, mas caíram a 80 por cento.
- Certo, imediato, estou a caminho.

A ponte de comando da Estrela da Morte também estava agitada:

- Coronel Golimar, nossas armas parecem não afetar muito aquela nave – diz o subalterno para seu superior.
- Tenente Dalton, o sistema principal de qualquer nave será sempre sua energia de força e ela deve estar perto da engenharia, onde funcionam seus sistemas vitais. Procure algo parecido com uma fonte de energia em nossas varreduras eletrônicas e dispare à vontade.
- Sim, Coronel Golimar, procurando agora...

O coronel Golimar, primeiro imediato de Darth Vader, ainda se perguntava o que teria ocorrido com seu mestre.

- Tenente Zig, alguma coisa sobre Darth Vader?
- Não, senhor. A última varredura biométrica nada captou desde que seu sinal foi perdido quando abordou aquela nave.
- Bem, vamos continuar com nosso ataque até termos uma confirmação positiva de Darth Vader, pressinto que ele ainda está vivo lá dentro.

Na Enterprise...

Carol está acompanhando o Capitão Picard e demais oficiais que estavam no holodeck pelos corredores da Enterprise quando sente a presença de “Q” em sua mente lhe falando ao pensamento.

“- Ah... menina Carol, o que você foi fazer com essa gente? – diz Q no pensamento de Carol. Você envolveu todos em uma guerrinha sem sentido!”  
O pensamento de Carol fica atordoado e ela começa a responder na mesma forma:

- “- Isto não era para acontecer! eu não queria nada disso, você, com sua mente maquiavélica é que tramou tudo isso. Você é uma criança Q, e está agindo como tal.
- Não, Carol, você é que não entende, não é mesmo? Nós somos o que queremos ser e é isto que você quer ser: uma heroína de ficção científica; então, amiga... viva esse momento; e não se esqueça de fazer a escolha certa no devido momento, pois “nós definimos nossas ações, e nossas ações nos definem.”

Após “despertar” desta conversa Carol sente-se profundamente apreensiva e chega até a sentir uma ligeira tontura enquanto se dirige ao turbo elevador. Percebendo isso, Worf a segura pelo braço para evitar uma queda, instante perfeito para que Darth Vader tome a iniciativa de livrar-se de seus “anfitriões”. Darth Vader tenta então, num movimento brusco e inteligente, pegar o Capitão pelas costas imobilizando-o em seus grandes braços enluvados. Ao apoiar a senhorita Carol, Worf ficou em ligeira desvantagem tática, tanto que quando tenta sacar sua arma de “faser” é imediatamente imobilizado por seu agressor, usando este de um poder mental desconhecido pelo Comandante Worf, que não consegue mover um músculo sequer. O comandante Data, que neste instante fez uma rápida avaliação da segurança de todos os envolvidos, avança com muita força contra Darth Vader numa tentativa clara de criar-lhe uma distração a fim de desfazer esse “elo mental”. Após alguns golpes no corpo e uma forte pancada na cabeça, Data imobiliza Darth Vader livrando o Capitão Picard de suas mãos.

- O senhor está bem, Capitão? pergunta Data para o Capitão.
- Sim, Data, obrigado pela ajuda. Darth Vader tem realmente uma força descomunal. Senhor Worf, peça ajuda e leve Dart Vader para o confinamento. Certifique-se de isolá-

lo dos guardas.

- Sim senhor, Capitão.

- Capitão... - interrompeu Carol, enquanto o senhor Worf providenciava a escola de Darth Vader para o confinamento – sinto muito por ter causado tantos aborrecimentos em sua nave; sinto que de alguma forma eu sou culpada por tudo isto estar acontecendo.

- Carol, Q é uma entidade muito poderosa e o dedo dele está por trás de tudo isso. Com você ou sem você ele sempre dá um jeito de brincar levemente com nossas vidas. Mas não se preocupe, vamos dar um jeito de restabelecer tudo novamente. O alferes Crusher e o Comandante La Forge estão trabalhando nisso.

- Obrigada pelas palavras capitão Picard.

Todos entram no turbo elevador e seguem para a ponte de comando da Enterprise.

## Capítulo XX – Capitão na Ponte.

- Capitão na ponte! sinaliza o comandante Riker aos oficiais da ponte, ao vê-lo sair do turbo elevador.

- À vontade – responde o Capitão a sua tripulação.

- Capitão, prossegue o Comandante Riker, estamos trabalhando com as informações obtidas da telemetria, mas uma ajuda da senhorita Carol seria bem vinda neste momento.

O capitão Picard olha para Carol com um ar interrogativo e este responde prontamente, olhando para o comandante Riker:

- Em que posso ser útil, comandante?

- Carol, disse Riker, segurando levemente Carol pelo braço e a acompanhando ao console remoto da engenharia, - Precisamos que nos dê orientações mais precisas a respeito do ponto fraco da esfera.

O comandante La Forge, que estava em frente ao console, pergunta à Carol:

- Carol, como podemos localizar o ponto fraco daquela esfera? e o que é preciso para disparar ou desarmá-la?

- Comandante La Forge, tudo que tenho é uma vaga lembrança; sei que existe um ponto fraco e seria preciso um disparo de mais ou menos 10 metros de distância com alguma arma, para detoná-la e então toda a esfera seria destruída.

Capitão Picard então interrompe:

- Senhores, eu não quero a destruição da nave, quero apenas neutralizar suas armas.

A conselheira Troy, que sempre acompanha o Capitão em suas decisões de comando, e que se mantivera atenta o tempo todo desde então, interfere:

- Capitão Picard, segundo a Carol nos informou, aquela nave foi criada com uma única finalidade: destruir mundos! Seja ela do nosso mundo ou de qualquer outro, ali dentro só existe o mal, precisamos destruí-la!



- Conselheira, a Enterprise tem poder de fogo suficiente para isso, mas não me sinto à vontade disparando contra uma nave bem inferior à nossa em termos bélicos.

- Mas Capitão, retrucou o comandante Riker, a esfera disparou contra nós sem provocação alguma.

- Eu sei imediato, mas esta provocação não é suficiente para uma retaliação, ou melhor, aniquilação. Continuem trabalhando para desarmá-la.

### **UOL...UOL .. UOL...**

De repente começa a soar o alerta vermelho da nave.

- O que está havendo, La Forge?, pergunta Picard ao engenheiro da nave.

- Capitão, a esfera disparou contra nosso reator de anti-matéria e alguns sistemas críticos foram danificados. Estamos perdendo suporte de vida rapidamente.

- Como isso pode ter acontecido com os escudos levantados?

- Não sei o que houve senhor, mas os escudos caíram a 20 por cento da força total.

- Quanto tempo para os reparos?

- Não sei, senhor, vou mandar uma equipe imediatamente para a engenharia.

- Faça isso, senhor La Forge.

O suporte de vida é um elemento crítico numa nave espacial, ele que fornece energia suficiente para os comandos da produção de alimentos, oxigênio, regulação da temperatura, reciclagem da água, eliminação do lixo e eliminação dos gases produzidos na nave. Sem ele toda a vida na nave começa a degradar. E era isso que estava começando a ocorrer. Todo o pessoal da ponte já começava a sentir os seus efeitos, pois o calor havia subido para 45 graus centígrados e a tripulação já se mostrava angustiada; o efeito da redução do oxigênio também os afetava: a conselheira Troy e o alferes Cruscher já sentiam as náuseas e as tonturas que a ausência do oxigênio provocava.

- La Forge, consegue diminuir um pouco a temperatura na ponte? perguntou o Capitão Picard dirigindo-se para seu engenheiro.

- Vou redirecionar a energia dos sistemas não essenciais da ponte para o suporte de vida, Capitão!

- Certo, respondeu o capitão afrouxando sua túnica na gola.

Feito isso, La forge continuou trabalhando com o comandante Riker e a senhorita Carol no ponto fraco da esfera.

Enquanto isso, no deck restrito ao pessoal de segurança da Enterprise, onde Darth Vader encontrava-se aprisionado, dois guardas numa ante-sala estavam caídos ao chão desmaiados. Darth Vader havia penetrado em suas mentes para neutralizá-los e agora estava pensativo, ao lado de fora de sua cela.

“Preciso me transportar para minha nave”, pensava ele. “não foi tarefa difícil invadir a engenharia da nave e desabilitar aquele painel, já que seu engenheiro estava ocupado, mas preciso me dirigir para o hangar de onde cheguei”

A sirene de alerta vermelho ainda soava pela nave, as famílias a bordo da nave já se dirigiam para os compartimentos de segurança, onde, se necessário fariam a evacuação de emergência e toda a tripulação estava em correria pela nave toda, com a atenção máxima em seus postos.

Na ponte de comando, finalmente surge alguma luz de esperança:

- Capitão, – informa o engenheiro La Forge. Conseguimos mapear por completo a geometria da nave e achamos seu ponto fraco. Ao que tudo indica, apenas uma nave bem guiada e com algum armamento de tiro fotônico deve desabilitá-la.
- Certo, La Forge. Will, está tarefa é sua, pois você é nosso melhor piloto! – diz o capitão, olhando tempestivamente para seu primeiro oficial em comando.
- Will, posso ir com você? pergunta impacientemente Carol para o comandante.
- Não, Carol, você estará mais segura aqui na nave.
- Comandante, diz Carol, impaciente – o suporte de vida da nave está caindo rapidamente e você precisa estar certo da localização do alvo na esfera. “Eu” já vi esse alvo antes e posso orientá-lo corretamente.
- Comandante, diz o Capitão, leve a senhorita Carol com você.
- Certo, Capitão! Vamos Carol, depressa para área de embarque do hangar.
- La Forge, quando eu estiver pronto, libere a área de atração para que eu possa partir com a nave auxiliar.
- Certo, comandante.

O comandante Data, que ajudava La Forge nos reparos, conseguiu estabelecer os níveis de oxigênio do sistema de vida, mas estavam muito baixos; a temperatura ainda estava alta, e um bocado de fogo ainda tomava conta de parte dos painéis da ponte.

- Capitão, informava Data, temos um novo problema: acabamos de perder o controle navegacional; com a energia desviada para o suporte de vida, um curto circuito rompeu os conduítes de plasma das naceles.
  - Quanto tempo para os reparos, senhor La Forge, perguntou o Capitão.
  - Não tenho certeza, senhor, estou indo para a engenharia agora, talvez uns 30 minutos.
  - Tem 10 minutos, senhor La Forge.
  - Capitão! Interrompe Data num dos consoles de navegação da ponte.
  - Prossiga, Data.
  - Com a perda do controle das naceles de bordo, estamos sendo arrastados pela força gravitacional da esfera. Impacto previsto em 8 minutos e 20 segundos.
- O capitão, com seu comando vocal ativado na ponte, fala ao comandante Riker:
- Comandante, você tem menos de 8 minutos para desativar aquela arma.
  - Certo, capitão.

## Capítulo XXI – Impacto.

Darth Vader, após conseguir escapar de seu confinamento, dirige-se agora pelos corredores da Enterprise em direção ao Hangar de onde havia chegado. Há muito tumulto pelos corredores, mas mesmo assim, ao passar por alguns guardas, estes não o identificam como um intruso, embora o medo esteja evidentemente estampado em suas feições; Darth Vader domina uma força muito poderosa no universo, um forte poder mental capaz de mover objetos, controlar mentes e que é a principal arma de um cavaleiro Jedi, que outrora ela tenha sido. E é devido a isso, que ele consegue circular impunemente pelos corredores. Mas em seus passos pesadamente acelerados ele recebe a

companhia de uma outra entidade igualmente poderosa, a de “Q”, surgindo praticamente do nada.

- E então, meu amigo Darth Vader, tentando escapar?
- Você me disse que eu voltaria para minha nave, por que estou aqui ainda? – perguntou com sua voz extremamente ruidosa, após um pequeno susto.
- Surgiram alguns pequenos imprevistos, meu amigo, e parece que nosso bom capitão tornou sua nave de fuga temporariamente inoperante. Importa-se se eu...

E num estralar de dedos, Q desaparece com Darth Vader dos corredores para reaparecer na sala de tele-transporte do Enterprise.

- É daqui que você volta para a casa!... ah, já ia esquecendo, eis um presentinho para sua fuga.

Fazendo isso, Q deixa nas mãos de Darth Vader um pequeno dispositivo eletrônico, que Vader identifica como um detonador.

## Capítulo XXII – O Alvo.

- Hangar 1 liberado para partida, comandante Riker – informe o senhor Data do console da ponte de comando.
- Certo, Data, responde o comandante de dentro da pequena nave auxiliar.

Carol está sentada ao lado do comandante Riker, na nave auxiliar e olha impressionada para sua frente, para a abertura que se forma a sua frente. Uma enorme fenda na nave se abre para o espaço deixando a beleza da luz de milhares de estrelas lhe impressionarem os olhos. Ela arregala os olhos numa mistura de medo e excitação e o comandante Riker percebe isso e lhe fala:

- Não tenha medo, Carol, apenas tenha confiança, pois isso para gente é rotina. E ambos olham então para frente. Riker começa a manipular alguns comandos no painel e fornece algumas orientações verbais ao computador de bordo. A nave começa lentamente a se elevar do solo e a ser impulsionada para frente em direção à abertura para espaço que havia se formado no hangar. Não havia janelas, portas, vidros, nada, apenas uma sala e um buraco que dava para o espaço e então a pequena nave começou a transpassar aquela abertura. Carol sentiu-se como que mergulhando ao mar quando transpassou aquela barreira. Era um campo de força invisível, mas maleável ao mesmo tempo, algo como uma dobra no espaço, se é que se pode dizer isso.

E partiram então os dois de encontro à esfera.

Ao se aproximarem foram logo detectados e sem nenhuma saudação padrão pelos comunicadores foram apenas recebidos por uma salva de torpedos. Alguns explodiram perto, outros foram deferidos contra o casco da nave.

- Senhor Worf, - reportou o comandante Riker, para seu companheiro Kinglon na Enterprise, que estava no console de armas, - os escudos na nave auxiliar estão resistindo bem aos tiros, vou começar a varredura eletrônica na esfera. Dê-me cobertura

com os torpedos fotônicos da Enterprise.

- Certo, comandante, respondeu Worf.

Carol olhava atentamente para aquela esfera a procura de algo que pudesse identificar como uma canaleta, longitudinal, que fizesse o contorno na nave, pois era disso que ela se lembrava muito bem, nos filmes que tinha visto de “Guerra nas Estrelas”; “Que coisa fantástica!” pensava ela.

Algumas aeronaves saíram então de dentro da esfera para protegê-la e começou uma série de tiros contra a nave auxiliar, que explodiam em seu casco sem causar danos, apenas pequenos abalos que jogavam os dois ocupantes para fora de seus assentos, momentaneamente. O comandante Riker estava mais preocupado com a localização do ponto de entrada na esfera, que deixou a defesa por conta do computador de bordo e do senhor Worf, na Enterprise.

- Ali, Will... – apontou Carol para a esfera – acho que é ali a entrada.

- Senhor Data, confirme na Enterprise as coordenadas que estou lhe enviando, informou o comandante.

- Está batendo senhor, podem entrar!

Riker olhou entusiasmado para a Carol e lhe deu um gostoso beijo na boca.

- É isso ao Carol, lá vamos nós!

Feito isso, Riker manobrou sua nave auxiliar para que entrasse por uma canaleta, larga o suficiente apenas para caber a nave auxiliar, e que percorria toda a circunferência daquela esfera. Um caça ainda disparava contra eles em sua retaguarda, sendo evitado habilmente por manobras que o comandante Riker executava.

- Capitão, encontrei o alvo, estou travando.

- Certo, imediato, quando quando quiser.

- Imediatamente um torpedo acerta a lateral da nave auxiliar e o comandante Riker acaba errando o alvo, perdendo sua grande oportunidade. Percebendo, mesmo assim, uma vantagem tática, Riker faz um loop vertical para trás com sua nave e pega seu agressor por sua retaguarda e, com um tiro certeiro, dispara em sua turbina de impulso. Imediatamente uma grande explosão se inicia na canaleta e o comandante se afasta para fora dela.

### Capítulo XXIII – Retorno.

Um chamado pelo interfone interrompe a atenção do capitão Picard, na ponte.

- Capitão, pode vir a enfermaria?

- Doutora Crusher, estamos ocupados no momento, qual o problema?

- Acho que podemos reproduzir a ocasião em que Carol chegou à nave, e invertendo a situação, podemos levá-la de volta para casa.

- Capitão, - replicou o Chefe de transporte, O’Brain, que estava trabalhando com a Dra Crusher neste caso, - mas é necessário que a Enterprise não se afaste muito da nuvem de Cronotons, pois as coordenadas de transporte surgem lá de dentro.

- Vou tentar chefe, mas se não resolvermos logo o problema desta esfera, todos vamos nos dirigir para esta nuvem, estamos indo de encontro a ela.
- Continuem trabalhando nisso, desligo.

Pronto, o comandante Riker estava novamente dentro da canaleta se dirigindo para o alvo. As manobras de ataque e fuga exigiam muito esforço do comandante e podia-se ver o suor escorrendo por sua testa. Carol já se mostrava angustiada. A explosão dentro da canaleta danificou parte do controle de lemes e estava difícil para o comandante se manter em linha reta dentro da canaleta, mas estavam prosseguindo.

- Pronto, Carol, lá está nosso alvo novamente, e feito isso travou o torpedo fotônico e fez o disparo: errou!
  - Wil, - perguntou Carol, apontando para o painel de armas – isto aqui está certo? Só temos mais um torpedo?
  - Sim, Carol, a nave auxiliar não é muito preparada para ataques. O próximo tiro terá que ser certo, pois é o último.
- Carol olhou para o comandante em seus olhos, passou um lenço em seu rosto, para enxugar um pouco o suor, e lhe disse:

- Will, você consegue!

O comandante Riker, com o alvo bem a sua frente, travou novamente as armas em seu alvo, um procedimento eletrônico, via radar, que impede que mesmo com o balanceio da nave, seu alvo saia de mira.

- Fogo!
- Buumm!!

- Iiiisto!!!! Acertamos, disse o comandante.

E dito isso, o comandante fez um loop lateral com sua nave, saindo da canaleta e se afastando da esfera. Imediatamente começaram uma série de explosões na nave de Darth Vader, inicialmente pequenas, dentro da canaleta e perto do alvo, e que iniciaram uma reação em cadeia que foi se alastrando sucessivamente por toda a superfície da nave e que finalmente culmina com uma grande e luminosa explosão, lançando estilhaços e destroços para todos os lados.

Sensação de alívio e alegria invade o sorriso de todos os tripulantes na ponte de comando da Enterprise.

- Bom trabalho, comandante – diz o capitão Picard ao se comunicar com a nave auxiliar.
- Obrigado, Capitão, não seria possível sem a senhorita Carol – disse isso olhando carinhosamente nos olhos de Carol.
- Obrigado, Carol- finaliza o capitão.

A ponte de comando começa gradativamente a assumir suas funções normais e o perigo de colisão com a esfera foi definitivamente afastado.

A porta do turbo-elevador na ponte se abre e entram então o comandante Riker e a senhorita Carol.

- Carol, diz o capitão Picard, dirigindo-se a ela; a Dra Crusher tem uma idéia para levá-la de volta para casa. Vamos para a sala de transporte. Data, assuma a ponte.
- Sim senhor, Capitão.

## Capítulo XXIV – Tele-transporte.

Riker, Picard, Troy e Carol saem do turbo-elevador para o corredor que dá acesso à sala de transporte da Enterprise, e logo a Conselheira Troy tem um mau pressentimento:

- O que houve, conselheira? – diz o capitão Picard.
- Capitão, a doutora Cruscher está em apuros, pressinto algo ruim na sala de transporte e pressinto também a presença de Darth Vader – ele está lhe fazendo mal
- Imediato, vamos entrar na sala com cautela, ajuste seu faser em meia potência. Carol, deixe a gente entrar primeiro.

O Comandante Riker e Carol acenaram afirmativamente com a cabeça. Ao chegarem à sala de transporte, os dois oficiais, estrategicamente, se posicionam cada um de um lado da porta, com a arma faser em punho, e então o capitão Picard usa sua senha de segurança para destravar o acesso automático à porta.

Ao entrarem, seguidos a uma distância maior pela conselheira Troy e senhorita Carol, eles perceberam que nada podiam fazer: o chefe O'Brain - oficial chefe do transporte – estava caído ao lado dos consoles de comandos e a doutora Crusher estava sendo mantida prisioneira por Darth Vader, imobilizada entre seus braços.

- Capitão Picard, vejo que você não é muito bom em manter a palavra. Pensei que depois de minha luta com o comandante Data eu voltaria para minha nave, mas agora não tenho nave para voltar, não é mesmo?
- Darth Vader, se você se mantivesse naquela cela e não tivesse sabotado nosso painel de navegação, talvez não precisássemos destruir sua nave? a Enterprise estava em sérios riscos, foi um decisão de comando que tive que tomar.
- Não se preocupe, meu bom capitão, parece que a doutora aqui já resolveu meu problema, não é doutora?
- Capitão - prosseguiu a doutora Cruscher, ainda imobilizada por Darth Vader – eu estava ajustando o transporte com o chefe O'Brain para levar Carol de volta, quando Darth Vader invadiu a sala.
- Como está o chefe O'Brain, doutora? – perguntou o capitão.
- Desmaiado apenas, Capitão. Com o transporte será possível mandar alguém para as coordenadas de origem, dentro daquela nuvem de cronotrons, lá fora da Enterprise. O problema, capitão, é que em meus arquivos médicos, tenho armazenado o perfil genético de apenas uma pessoa; posso fazer o ressequenciamento correto, depois do espelhamento, introduzir no transporte e apontá-lo para dentro da nuvem, mas para apenas uma pessoa!
- Bem, Capitão Picard – diz Darth Vader - parece que já sabemos quem precisa ir nessa viagem de volta. Então, eu soltarei a doutora para que ela comece os preparativos e você vai me dar em troca sua conselheira.
- Darth Vader, deixe meus tripulantes fora disso – responde o capitão – vamos negociar isto de outra maneira.
- Não capitão, não há outra maneira, sua nave é mais poderosa, tem forças aqui que desconheço, não tenho mais nave; o único trunfo que me restou está aqui na manga.

Darth Vader retira então de dentro da parte interna de sua vasta capa preta um objeto metálico, pequeno a ponto de caber na palma da mão e com um dispositivo visível de seqüenciamento digital.

- Capitão, vamos fazer logo esta troca ou tudo isso aqui vai “voar pelos ares” agora mesmo.
- Você não faria isso, pois iria explodir junto com a bomba.
- Ora, capitão, pense bem: tenho alguma outra alternativa?

Todos olhavam atentos para os movimentos do sinistro homem.

Carol, que até então acompanhava de perto o comandante Riker, um pouco atrás dele, se adianta um pouco a frente de todos e começa a falar:

- Pessoal, eu não sou deste lugar, Darth Vader também não é daqui; nós não deveríamos estar nesta nave. Sinto que sou culpada de alguma forma por tudo que está acontecendo e só tem uma forma de tudo voltar ao normal.
- Carol, você não tem nada a ver com isso, quem aprontou foi o “Q”, interrompe o comandante Riker.

- Não comandante, eu desejei tudo isso, no meu íntimo, e agora o que mais quero é que tudo isto acabe, e a melhor alternativa que temos aqui é levar Darth Vader de volta para casa. O que acontecerá comigo não importa, posso ficar a mercê do “Q”, posso ficar na Enterprise, ou mesmo voltar para a Terra, enfim, recomeçar. De qualquer forma, sinto-me como um peixe fora d’água e talvez, no fundo, eu não quisesse nem mesmo existir neste mundo que não é meu.

Carol olha fundo nos olhos do comandante Riker e complementa:

- Um tiro certo de faser em potência máxima resolveria este problema uma vez por todas, não estou certo Wil?
- Carol, diz o Capitão Picard, não devemos nos precipitar, vamos resolver uma coisa de cada vez.

A conselheira Troy toma então a dianteira do grupo e num olhar cúmplice com o capitão se dirige para substituir a doutora Cruscher, até então imobilizada nas mãos de Darth Vader.

O comandante Will Riker, percebendo essa movimentação toda e reconhecendo ali uma vantagem tática saca rapidamente de sua arma “faser” e faz um disparo contra Darth Vader.

## Capítulo XXV – A Troca.

Pobre comandante Riker. Ele desconhecia o poder de Darth Vader. Este, era um homem cauteloso, habilidoso e senhor supremo de uma vasta frota imperial de soldados leais a sua causa, portanto, dono de uma larga experiência bélica; além do mais, Darth Vader era um cavaleiro Jedi, ou seja, um homem com forte poderes telepáticos e telecinéticos que usava a força do próprio universo a seu favor.

Ao “sentir” a ameaça de Riker poucos segundos antes deste lhe sacar a pistola “faser” Lord Darth Vader, intuitivamente sacou de sua espada Jedi - o sabre de laser - e com uma grande habilidade repeliu poderosamente o feixe da arma do comandante com o a luz de sua própria espada. A luz laser acabou refletindo-se em um dos consoles de comando da sala de transporte causando uma quantidade enorme de faíscas elétricas, que por fim acabaram por iniciar um pequeno incêndio, suficiente esse para acordar o chefe O’Brain, já tossindo devido à grande quantidade de fumaça.

- Calma chefe – disse o capitão – pegue o extintor e apague esse fogo.

Darth Vader consentiu silenciosamente, e com a mesma concisão em seu pensamento, manteve o comandante Riker pressionado contra a parede através de uma “força” invisível, tornando-lhe difícil e ofegante sua respiração, tal como se uma poderosa mão lhe apertasse o pescoço e lhe arrastasse para cima, pesadamente pela parede.

A conselheira Diana Troy imediatamente trocou de lugar com a doutora Cruscher e se manteve prisioneira então pelas mãos de Darth Vader, liberando a doutora, que rapidamente assumiu o console do tele-transporte. Iniciou então uma sequência de comandos para transferir os padrões biogenéticos da enfermaria para a sala de transporte, a fim de que alimentassem o armazenador do tele-transporte.

Após alguns segundos o chefe O’Brein já havia conseguido dominar o fogo e a doutora também acabava de completar o processo de transferência e adequação do sinal.

- Pronto, chefe, o padrão já está armazenado no tele-transporte, podemos iniciar a sequência – disse a doutora Crusher, dirigindo seu olhar para o Chefe O’Brein, e então para a senhorita Carol.

O chefe então reassumiu seu posto no console aguardando as ordens do capitão Picard.

- Darth Vader, pode se dirigir para o tele-transporte – disse o capitão Picard.

Darth Vader então se dirigiu vagarosamente para um dos tubos do tele-transporte, arrastando consigo a conselheira Troy, ainda em seus braços, como medida de segurança.

- Não se preocupe, Capitão, assim que seu chefe iniciar o transporte, libertarei a conselheira. Estou pronto – disse Darth Vader.

- Chefe, pode iniciar o transporte então – disse o capitão olhando para seu imediato, aprisionado na parede.

Diana Troy, percebendo a angustia de Will Riker, ainda imobilizado pela força mental de Darth Vader, e ainda com sua respiração muito ofegante, tenta uma manobra arriscada. Ela começa a invadir os pensamentos de seu captor, como que quem quer distraí-lo, a fim de soltar o comandante Riker daquele elo mental. Darth Vader, percebe essa perturbação na sua força e vacila um pouco em seus pensamentos – sente-se momentaneamente abalado- e nesse intervalo, o comandante Riker acaba realmente se soltando e caindo atordoado ao chão.

O Chefe O’Brain então, após alguns comandos em seu console, começa a subir a alavanca do tele-transporte. Darth Vader libera então a conselheira que se distancia rapidamente do transporte.



Darth Vader mantém seu olhar fixo em Carol em por um breve instante, Carol, olhando firme dentro da alma de seu inimigo, percebe que Vader é realmente um grande vilão e que ele não pretende sair sem vantagens. Ela sente que Vader está para partir e que vai explodir a sala de transporte, levando consigo todos os oficiais ali presentes, pois ainda conserva consigo a pequena bomba em sua grande capa preta.

Então o tubo de tele-transporte começa a fazer o seu trabalho: Darth Vader começa aos poucos se desmaterializar frente a todos ali presente e ao mesmo tempo que isso ocorre ele aciona a sua bomba detonadora.

Mas Carol já havia lido isso em seus olhos e em um lance muito rápido, ela se separa do grupo e corre rapidamente para o palco onde se encontram os tubos de tele-transporte; fazendo isso, ainda antes de lá chegar, olha rapidamente para o comandante Riker e lhe diz com uma voz serena e profunda:

- Adeus, Will.

Antes que o comandante pudesse balbuciar qualquer palavra, Carol já havia se jogado contra o corpo de Darth Vader, numa tentativa desesperada de não deixar que ele se transportasse ou mesmo de tentar desarmar a bomba, ou talvez nem ela soubesse, mas que em seu íntimo, soubera ser esta uma tentativa tipicamente suicida, e heróica.

Todos naquela sala olharam assustados para o tubo do tele-transporte, pois a bomba havia sido detonada no exato instante em que o tele-transporte completava seu ciclo. As partículas suspensas no tubo e espalhadas em todo seu interior, eram o corpo do Carol, Darth Vader e uma intensa luz branca que representavam claramente a forma de uma explosão que foi contida dentro do tubo.

- Chefe O'Brain, o que houve? - perguntou o capitão, olhando fixamente para o tudo de tele-transporte.

- Impossível dizer, capitão, não há mais nada nos bancos de memória do armazenador do transporte.

- Uma única pessoa podia ser transportada – informa a doutora Crusher.

- Sim, doutora – complementa o chefe -, mas a detonação da bomba dentro do tubo fez com que matéria e energia interagissem em um nível sub-atômico. Tudo se perdeu, nada foi transportado para as coordenadas, mas apenas se dissiparam na nuvem fora da Enterprise.

- Capitão Picard! – todos escutam a voz do Comandante Data, falando do intercomunicador da nave, da ponte de controle.

- Prossiga, Data.

- Nossos sensores não estão mais detectando qualquer anomalia fora da Enterprise, a nuvem de taquions-cronotrons, se foi!

- Estou a caminho, Data.

Todos então se retiraram da sala de teletransporte e dirigiam-se agora para a ponte, deixando apenas o chefe O'Brain no seu local de trabalho.

Por centenas de anos, as embarcações dos mares da Terra realizam um cerimonial para seus tripulantes quando estes morrem em serviço ou, quando não tripulantes, se assim o desejam. É típico dos comandos navais, após algumas palavras de seu capitão, jogarem então o corpo ao mar através de uma prancha suspensa no convés do navio.

Numa nave estelar, da Frota Estelar, como extensão dos costumes marítimos, o mesmo cerimonial tem sido repetido por gerações, respeitado e perpetuado por todos os capitães de nave estelares da Frota.

“Piu-uiii” – soa um som agudo proveniente de um apito manuseado por um graduado presente naquela sala. Um dos oficiais ali presente – o de maior patente, comandante William Riker, abaixo apenas do Capitão -, e que estava na frente de uma das duas fileiras, por entre as quais o Capitão iria passar ao abrir a porta, informou:

- Atenção! Capitão na sala.

Todos assumiram uma posição firme e respeitosa. Estava para iniciar o cerimonial fúnebre da senhorita Carol, presidido pelo Capitão da USS Enterprise, Jean Luck Picard.

De um lado da sala estavam o comandante Riker, encabeçando aquele lado da fila, seguido pelo comandante Data, comandante Worf; do outro lado, formando a segunda fileira, estavam a conselheira Troy, o comandante La Forge e a Dra. Crusher. Ambas as filas de oficiais iniciavam em uma parede com algumas aberturas, que mais pareciam as escotilhas de algum submarino. Na verdade, aquela era uma sala de torpedos fotônicos e as aberturas na parede eram os compartimentos para cada um dos torpedos e que quando acionados da ponte de comando, normalmente, ou de qualquer outro lugar da nave, eram ejetados para fora da nave, sempre de encontro a um alvo.

Numa nave estelar esses compartimentos eram eventualmente usados para cerimoniais religiosos, após adaptados, ejetando o corpo do falecido para o espaço, tal como nas velhas tradições navais da Terra, usando para isso o mesmo processo da ejeção de um torpedo.

Os corpos de Darth Vader e de Carol haviam se perdido para sempre entre milhões de partículas, dentro do tele-transporte. Não havia corpos, mesmo assim o Capitão Picard resolvera fazer uma homenagem póstuma simbólica para Carol – ela estivera tão pouco tempo entre a tripulação, mas fora uma pessoa extremamente útil e que soube cativar o coração de muitas pessoas. A doutora Crusher a tinha como uma responsabilidade pessoal sua, pois foi da enfermaria que a doutora conseguiu trazer Carol a bordo. O senhor Worf e o comandante Data também apreciaram muito as dicas que Carol lhe haviam fornecido sobre a estrela da morte. E quanto ao primeiro oficial do capitão Picard, o comandante William Riker, este guardava um carinho especial por Carol, trabalharam juntos em alguns momentos tensos, outros cansativos, e entre uma e outra dificuldade, muitos sorrisos cúmplices e carinhosos. O comandante Riker realmente soube apreciar a companhia de Carol e foi nele que sua perda ocorreu com maior pesar. Pobre comandante, nas naves estelares quase não se tem tempo para as paixões e quando elas ocorrem, acabam sendo muito fortes, deixando marcas profundas na alma. O comandante estava triste e isso era bem visível, bastando olhar em seus olhos.

O capitão Picard, à frente de todos, inicia então seu discurso, dando seguimento à cerimônia religiosa:

- Ser Capitão de uma nave da Frota Estelar é motivo de grande orgulho para qualquer homem ou mulher, pois são incontáveis as maravilhas que encontramos pela frente ao desbravar a galáxia, mas existe também a necessidade de assumir para a si a responsabilidade pelos fracassos e pelas perdas que eventualmente enfrentamos. Nessa Jornada nas Estrelas “a morte sempre é um predador feroz, e que nos acompanha de muito perto.” Todos aqui conheceram a senhorita Carol, ela surgiu do nada, nem sabemos ao certo de onde ela veio, mas cativou nossos tripulantes, mostrou-se útil por todo o tempo que esteve a bordo e seus últimos momentos conosco, foram momentos realmente heróicos – ela colocou sua própria vida em jogo para nos salvar... e salvou! Obrigado, Carol, onde quer que você esteja.

Dita estas palavras, o capitão olha disfarçadamente para um de seus graduados ali presente e este sopra em seu apito três silvos curtos e um último mais longo, um sinal respeitoso de profundo pesar. A urna funerária de Carol, que era uma adaptação do *container* de um torpedo, estava entre as duas filas formadas pelos oficiais ali presentes e com a parte superior voltada para a parede da sala, deslocado para fora de seu compartimento, para dentro da nave. Então, acabado o silvo, o capitão Picard cobre totalmente a urna de Carol com a bandeira de Federação Unida dos Planetas, que estava desfraldada ao lado da urna. Todos então olham uma última vez para a urna e o capitão aciona um botão em seu painel dianteiro. Com isso, o *container* começa a ser vagarosamente recolhido para dentro da parede para assumir seu lugar então com os demais *containers*, sob o olhar triste e cabisbaixo de todos ali presentes. O capitão, em uma atitude sempre firme e forte, como em todas essas ocasiões, olha atentamente esse movimento. Jamais ele deixaria transparecer seus sentimentos, muito menos nesta situação. Então, totalmente recolhido, o capitão aciona o disparador manual no console da parede e apenas um som, semelhante a um torpedo lançado às águas de dentro de um submarino, é escutado.

Todos vão se retirando aos poucos da sala, cabisbaixos, restando apenas o comandante Riker. Ele, então, com profunda tristeza, posiciona-se com a cabeça pendendo ao lado de uma pequena janela ao qual podia-se ver a galáxia ao fundo. Ele observa o *container* mortuário de Carol afastando-se lentamente da nave em direção ao espaço profundo e escuro e fala baixo, com palavras inteligíveis apenas para ele mesmo:

- Por que nunca temos as palavras certas na hora de dizer adeus?

E finalmente abandona a sala.

O Capitão Picard está no lavabo de sua pequena cabine individual de capitão, lavando seu rosto, quando, ao ir levantando a cabeça vagarosamente, vê “Q” atrás de si, olhando fixamente para ele.

- Quer um ombro amigo para chorar, Picard? – pergunta “Q” então.

- Satisfeito com mais este joguinho, “Q”? Por que as pessoas têm que morrer?

- Morrer.. viver... ah... Picard, vocês, humanos, e suas mentes tão limitadas...! Você sabe o que é a morte? talvez eu nem esteja vivo para você! Carol morreu? Você está morto para ela? Darth Vather...mentira ou verdade. Vocês, humanos, brincam constantemente com a morte e ainda não aprenderam o que ela é!

“Q” fala estas palavras para Picard num tom enfático, doutrinador, olhando fixamente para seus olhos, e continua a falar...

- A natureza humana é assim: matar para sobreviver: matar de fome, matar de medo, matar por prazer, matar, matar, matar poucos, matar muitos; matar... Conquistaram as estrelas, mas não entendem ainda o que vai dentro de seus corações. A Humanidade não evoluiu nada, desde os macacos, e continua sendo ainda o mais feroz dos animais, até mesmo quando enfrenta seus próprios demônios, e a morte ainda é este demônio, não é mesmo, Picard?

Após uma meia volta com o corpo, um sorriso leve e enigmático, e com o canto dos olhos, “Q” ainda complementou para Picard:

- ...atuando agora em “velocidade de dobra”. Adeus, Picard.

Dito isso, “Q” simplesmente desapareceu da vista do Capitão, deixando-o com um ar muito pensativo.

## Capítulo XXVII – O Final.

Imagine um carro em alta velocidade, numa estrada pouco movimentada e de trânsito rápido. De repente, algo inesperado acontece e seu motorista perde o controle deste carro. Seu motorista tenta várias vezes pisar seu pé ao freio, segura firme com suas mãos ao volante, que não são suficientes para manter o carro em linha reta; ele vê então seu carro zig-zagueado pela estrada, sem controle, muito veloz, e o suor frio escorrendo pelo rosto - coração extremamente agitado.

E foi exatamente nesta situação que Carol se percebeu instantaneamente ao abrir os olhos – ela estava com as mãos no volante de seu carro, mas este, totalmente desgovernado, indo entre um zig-zag e outro pela estrada, em direção ao acostamento da via Dutra.

Novamente ela pisa no freio, olha nos retrovisores e apenas consegue ver um carro luminoso a uma certa distância. Mas aos poucos seu conversível vai parando junto ao meio-fio do acostamento e ela, claro, completamente assustada, com o coração disparado e com o rosto escorrendo em suor. O carro pára e finalmente ela consegue relaxar e o faz repousando a cabeça sob o volante, com o carro ainda ligado.

Ela agora olha para os lados, dentro de seu carro, procura por algo que lhe sugira não ter tido um sonho – não encontra nada! Abre o porta-luvas, procura algo em seus bolsos, olha nos bancos de trás – nada! Toca com as mãos em seu corpo e não encontra sinal algum de ferimento; olha no retrovisor dianteiro do carro e não vê nada de errado com seu rosto, vê apenas um carro de polícia estacionado atrás do seu.

“Não há nada de errado, terei eu tido um sonho?” - pensa ela – Uáu... e que sonho!

Carol observa pelo retrovisor, então, o policial se aproximando pelo lado de fora de sua porta, com a vívida intenção de abordá-la.

Postado de pé, ao lado de sua porta, fechada, o policial lhe fala calmamente:

- Senhora, ... sua carteira de identidade e motorista, por favor?

Carol então, ainda meio atordoada de um sonho que ela não sabe se é real ou apenas um grande sonho, abre calmamente o porta-luvas para pegar os documentos, vasculha em seu interior de uma forma mais acurada, e nada! Contorce moderadamente seu corpo para o lado direito e apanha sua bolsa no banco de trás. Começa a tirar algumas coisas para fora e finalmente encontra sua carteira. Saca rapidamente a carteira de identidade e a carteira de motorista; abaixa um pouco mais seu vidro da porta e encara o policial ao lhe entregar os documentos. E qual então foi sua surpresa, que acabou por deixar cair os documentos ao chão. Carol ficou estática por um momento fixando seu olhar naquele rosto. Era “Q”!

O policial, de capacete, uniforme em perfeito alinhamento, educadamente, afasta-se da porta e pega o documento de Carol caído no chão, ao lado da porta; começa então examiná-lo com mais atenção. Carol está ainda boquiaberta, mas sem dizer uma palavra sequer, continua a olhar fixamente para o policial.

- Algum problema, senhorita? – pergunta-lhe, então.

- Não, senhor policial, é que sua semelhança fisionômica é tal qual uma pessoa que acabei de conhecer.

- Acho que sou daquelas pessoas que fazem um tipo comum, pois tem gente que até já me confunde com algum ator famoso. Senhorita... sabe a qual velocidade meu radar registrou seu carro?

- Desculpe, policial, acho que um pouco lá atrás perdi o controle do carro, e vinha pensando em algumas coisas em minha mente, acho que nem percebi o velocímetro.

- A senhorita está bem agora?

- Sim, estou bem.

- Seus documentos estão em ordem, ficamos apenas com uma repreensão verbal, certo?. O limite de velocidade nesta estrada é de 110 Km/h e a senhora estava a 140.

- Obrigada, seu guarda, vou seguir à risca a velocidade recomendada.

- Se tiver algum problema com o carro, nos próximos quilômetros a senhorita encontrará ajuda mecânica. Infelizmente esta estrada leva muito gente embora por excesso de velocidade, então mantenha o limite, porque se não, será capaz de acabar em outro mundo. Tenha uma boa viagem, senhorita Carol.

Carol achou estranho esta última frase do policial, pronunciada um pouco antes de lhe entregar os documentos. Ele então a deixou e, pareceu para Carol, que ele estava com um pequeno tom de ironia nos lábios escuros brilhosos, ou um pequeno sorriso camuflado.

Carol pega a chave, dá a partida no seu carro e retoma novamente a estrada, mas ao olhar para trás pelo espelho retrovisor, não vê mais o carro do policial.

FIM